

O Partido de Lênin e Stálin Ilumina O Caminho da Libertação dos Povos!

EM NOME DO COMITÊ NACIONAL DO P.C.B., LUIZ CARLOS PRESTES DIRIGE-SE A G. MALENKOV, POR MOTIVO DO TRANSCURSO DO 50º ANIVERSÁRIO DO GLORIOSO P.C. DA UNIÃO SOVIÉTICA.

Por motivo do transcurso do 50.º aniversário do Partido Comunista da União Soviética, Luiz Carlos Prestes dirigiu o seguinte telegrama a G. Malenkov:

«G. Malenkov — Moscou, URSS

O Comitê Nacional do Partido Comunista do Brasil saúda calorosamente o heróico Partido Comunista da União Soviética por motivo de seu 50.º aniversário de fundação.

O Partido Comunista do Brasil manifesta sua gratidão sem limites para com o glorioso Partido de Lênin e Stálin que durante meio século de existência tem sido a vanguarda dos trabalhadores de todo o mundo. O Partido Comunista da União Soviética guiou vitoriosamente o proletariado russo na Grande Revolução de Outubro e conduz os povos soviéticos pela radiosa senda do comunismo. Ao Partido Comunista da União Soviética devem os Partidos Comunistas e Operários do mundo inteiro a mais sabia e fraternal ajuda e as contribuições dos gênios imortais de Lênin e Stálin. O caminho da libertação dos povos é iluminado pelo Partido Comunista da União Soviética.

O Partido Comunista do Brasil, nascido sob a influência direta da Revolução de Outubro, tem, e sempre terá, no Partido Comunista da União Soviética o seu modelo e guia.

Interpretando os sentimentos da classe operária e do povo brasileiro, o Partido Comunista do Brasil transmite ao Partido Comunista da União Soviética e ao seu Comitê Central stalinista os seus votos de novos êxitos e crescentes vitórias.

a) LUIZ CARLOS PRESTES»

«ESTE PARTIDO EXISTE!» (Desenho do pintor soviético, E. Kibrik, figurando uma passagem do I Congresso dos Soviets de toda a Rússia, em junho de 1917, quando Lênin repelia a declaração do menchevique Tsereteli, segundo o qual não havia na Rússia um partido político disposto a tomar o poder nas mãos).

PRESTES
TELEGRAFA A
MAO TSE TUNG
e **KIM IR SEN**
(LEIA NA 5.ª PAGINA)

VOZ OPERÁRIA

N.º 221 ☆ Rio de Janeiro, 8 de Agosto de 1953



RELAÇÕES COM A U.R.S.S.
PARA SALVAR O BRASIL DA BANCARROTA

(Leia na página central)

Misteriosa Fábrica Americana em S. Paulo

A Cia. Industrial Palmeiras é uma fábrica onde toda a montagem é automática. Suas instalações estão prontas para serem retiradas a qualquer momento, sem nenhum esforço. Temos a impressão de que isso é feito de propósito, para uma emergência qualquer.

Toda a sua administração é composta de estrangeiros, em execução de um tal Maurício, chefe-mecânico, um dos manda-chuvas da empresa. O diretor-presidente chama-se Ronald Kikler, motivo por que todos precisam saber falar inglês (e todos falam).

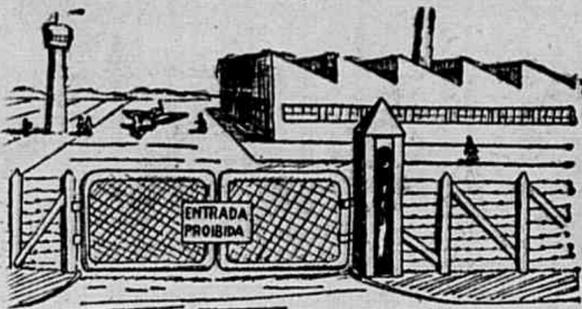
Na «Palmeiras», há pouco tempo chegou um «tiras do JOPS para servir de instrutor do corpo de guardas da fábrica, que persegue os trabalhadores, proibindo-os de fumar, alar em política, etc. O Maurício, por sua vez, acha que todo brasileiro é burro quando procura fazer um trabalho diferentemente do que ele manda, embora o método usado pelo operário seja mais prático e mais produtivo.

Os salários são baixos, bastando dizer que o máximo que um operário ganha é 14 cruzeiros, e que não dá para nada, seja que o custo da vida está bastante alto.

Há dificuldades de transporte. Antigamente havia um ônibus que partia do interior da empresa levando os empregados da firma. Hoje, até isso foi restringido. Os trabalhadores têm que caminhar uma certa distância para chegar ao trabalho, porque o ônibus está impedido de entrar na propriedade dos gringos. Por que tanto mistério?

Além disso, os operários sofrem vexames, obrigados que são a fazer um relatório de serviço com todos os detalhes: quanto gasta de material, etc. O encarregado do Almoxarifado é o substituto do mestre, em sua ausência, no serviço de espionagem contra os operários.

A firma tem um campo de aviação pegado à fábrica, num terreno de grande extensão. Na empresa, é proibido tirar qualquer fotografia das máquinas que ali existem. Isto é suspeito, pois segundo se comenta, a maquinaria é para a fabricação de máquinas de costura «Singer» mas que também pode ser adaptada à fabricação de qualquer outro material. DO CORRESPONDENTE — S. PAULO.



A Concentração Dos Trabalhadores Agrícolas da Alta Sorocabana

Por GERALDO SPINDOLA
(Presidente Prudente — São Paulo)

Saúdo a próxima «Concentração da Alta Sorocabana», em que os trabalhadores agrícolas discutirão assuntos da lavoura e do desenvolvimento econômico do país. Nessa importante reunião de trabalhadores agrícolas que se realizará em 30 de agosto em Presidente Prudente será combatido o escandaloso roubo das firmas norte-americanas que compram algodão pelos preços irrisórios de 70 e 80 cruzeiros por arroba enquanto somente o óleo de algodão produzido pela Anderson Clayton é vendido a 25 cruzeiros o litro. O óleo de amendoim é comprado a 70 cruzeiros e o seu óleo é vendido a 27 cruzeiros o litro.

Além disso, os trabalhadores discutirão a baixa dos arrendamentos, garantia de preço para os produtos agrícolas, preços módicos para os venenos, ferramentas e maquinaria «ratas», aumento de salário para os colonos e fé, financiamento para os trabalhadores pelo governo, através do Banco do Brasil e não em favor para os fazendeiros que recebem grandes somas para criar gado e continuar com regime de vales aos lavradores.

Nesta «Concentração», além de inúmeras outras reivindicações, devemos exigir o restabelecimento de relações comerciais com to-

dos os países, procurando comprar mais barato e vender por melhores preços, em um comércio livre, pois assim como estamos atualmente somos explorados pelos monopolistas norte-americanos que nos impõem os preços, tanto de compra, como de venda.

Todos os trabalhadores agrícolas, portanto, têm grandes interesses a defender na «Concentração dos trabalhadores agrícolas da Alta Sorocabana».



O camponês João Pereira Nunes, com sua família, passando para a objetiva da VOZ OPERARIA.

ssim é na Souza Cruz

Refeições às Escondidas Nos Sanitários da Cia.

Mais de 600 operários, na maioria mulheres, trabalham na fábrica da Cia. Souza Cruz, em Mont'Serrat, bairro de Santo Alegre. Os trabalhadores estão pleiteando um aumento de 25 por cento mas a empresa ofereceu apenas 15 por cento. O diretor, mister Miller, viajou para o Rio há mais de um mês para fugir a entendimento com os trabalhadores.

A empresa impõe a residência, bastando um atraso de cinco minutos para sotfer a multa dos domingos e feriados trabalha-se em dois turnos, sendo que o turno do dia não tem direito ao sábado Inglês. O horário do almoço é de uma

hora apenas. Como a companhia não permite que se coma a merenda na empresa os operários são forçados a fazer sua refeição escondidos no sanitário.

Os armários de roupa são todos de chave igual. E' comum os patrões pelegos remexerem os armários na ausência dos operários. O médico da fábrica é um tal dr. Curvo. Quando ele receita, é um chá de laranja ou um xaropezinho. Esse médico nega-se a dar atestado aos trabalhadores enfermos, o que os obriga a recorrer a médicos particulares que adoecem, pagando dos seus salários. (Do correspondente).

Voz dos leitores

O QUE SE VÊ NA NITRO-QUIMICA (S. Paulo)

Getúlio, Garcez e Jânio Governam Para os Tubarões e Exploradores



O que acontece na Nitro-Química, em São Paulo mostra com toda clareza que o governo — Getúlio, como presidente, Garcez, como governador, Jânio, como prefeito — é um governo dos patrões contra os trabalhadores, um governo dos tubarões contra o povo. Vejamos três exemplos:

Getúlio e os lucros — O

lucro confessado pela Nitro Química em 1952 é de Cr\$ 256.353.162,20, quase 260 milhões de cruzeiros. O presidente da sociedade anônima dona da Nitro é o tubarão Horacio Lafer, até há pouco Ministro de Getúlio. Enquanto Vargas falava nos direitos dos trabalhadores, seu Ministro obtinha lucros fabulosos à custa da exploração dos operários.

Garcez — os capangas — Para sufocar a luta dos trabalhadores por mais um pouco de pão para suas famílias, a Nitro, como um Estado dentro do Estado, tem uma polícia própria. São 200 capangas armados e fardados por sua conta. Destes 200 capangas, nada menos de 100 foram nomeados inspetores de quarteirão em São Miguel Paulista pelo

governador Garcez. O chefe dessa milícia que se intitulava «segurança interna» é o facinoroso tenente Valério, reformado da Força Pública e nomeado por Garcez sub-delegado de São Miguel Paulista. Desse modo as nomeações feitas por Garcez coincidem sempre com as da companhia.

Jânio e o imposto das bicicletas — O prefeito Jânio decidiu aumentar as rendas da prefeitura à custa dos operários da Nitro. Muitos deles possuem bicicletas compradas com sacrifício, para seu transporte. Jânio resolveu que cada bicicleta deve pagar 50 cruzeiros por chapinha da prefeitura. Os operários e suas bicicletas foram caçados em São Miguel, como se fossem criminosos. A caçada foi assistida da janela da delegacia

de polícia pelo engenheiro Marcelino Millet Kiehl, diretor administrativo da Nitro. Os prepostos de Jânio e a polícia de Garcez e da Nitro apreenderam só no dia 12 de junho 60 bicicletas. Para obter sua devolução os operários tiveram que pagar, cada um, os 50 cruzeiros. É importante assinalar que a caçada foi feita justamente no dia em que a fábrica tinha pago os salários. É assim que, de mãos dadas com os tubarões da Nitro, Jânio age contra os trabalhadores. (Do Correspondente)

MIKE E ROBBIE, CRIANÇAS QUERIDAS

Imensa é a tragédia que se abate sobre vós. O mundo a sente e treme de ódio ante o crime inominável. Mas a vida dos vossos pais e, no momento mesmo em que realizavam o ato herido, seu próprio julgamento se fazia — a humanidade por juiz.

Crianças queridas, passastes agora a ser filhos de todos os homens — todas as mulheres em cujo peito vibra um coração. As mães do mundo todo, ofereçam-vos seus filhinhos com irmãos e, felizes seriam se, com seu carinho pudessem trazer alegria a vossas alminhas feridas. Grande é o legado de heroísmo deixado por Julius e Ethel Rosenberg a seus filhos. Uma bandeira foi a dignidade e do valor humanos. Ao vos tornardes adultos, tereis a honrosa tarefa de mantê-la erguida e, vós o fareis, já num mundo onde não haverá razão nem lugar para o crime ou para a dor. a) MARIA TERESA Pelotas 147-53.

Lidam Com Alimentos e Não Têm o Que Comer

Nos armazéns da firma Joaquim Oliveira, aqui em Pelotas, o trabalho é estafante. Durante o dia todos os operários carregam e descarregam sacos e caixotes, suam a empilhar fardos.

Não há máquina nenhuma que torne menos árdua o serviço, pois que isso iria trazer mais gastos aos patrões que visam lucros cada vez

maiores. Quando o operário depois de se liquidar fisicamente não mais puder trabalhar, outro virá substituí-lo até que lhe aconteça o mesmo.

Os operários pegam no serviço às 7 da manhã e, só o deixam às 6,45 da tarde (quase 12 horas), para receber apenas 35 cruzeiros por esse

Posta Restante

Recebemos as seguintes correspondências: Exploração na fábrica Rossi, do correspondente em S. Leopoldo; «Exploração nas construções dos edifícios do Sindicato dos Advogados», do correspondente em Santos; «Carl Marx — Friedrich Engels», poema de Amaury Renaux Leite; Crítica do artigo de Almir Mats, «Uma brilhante análise da Realidade Brasileira», de Marcos Gonçalves, Taubaté; «Aumento o preço da carne», «Auxílio para o «Fica Ai», «Lutam os motoristas por aumento de salários», «Pedem aumento de salários os operários do Light» reportagens do correspondente em Pelotas. «Trabalho escravo dos presidentes na Cia. Energia Elétrica Rio-Grandense» do correspondente; «Realidade da Paz», texto e ilustração de Alberto Romi; «A geada», texto de Carlos José da Silva, ilustração de Alberto Romi-Cornélio Procópio — Paraná; «Que é crise política?» pergunta de Carlos Moura, S. Paulo; Cópia do memorial enviado ao embaixador do Paraguai, pela libertação de Obdulio Barthe, assinado por 15 moradores de Cornelio Procópio.

NOTA: Solicitamos do correspondente em Mont-Serrat, Santo Alegre, o envio dos negativos das fotografias enviadas a esta redação ou ampliações maiores para possibilitar sua publicação.



trabalho esgotador. Eles lidam com gêneros alimentícios mas, na hora de comer, estes não aparecem. Suas famílias passam necessidade. Como podem manter suas famílias, se a carne está custando 12,00, o feijão, 7,00 e o café, 32,00?

As leis trabalhistas determinam que as horas extras sejam pagas com acréscimos, mas isto não acontece na «Joaquim Oliveiras». As leis ficam no papel, os capitalistas não as cumprem e a justiça trabalhista de Getúlio aí está para encobrir estas contravenções. Os patrões obrigam os operários a assinar contratos de trabalho de 10 horas por dia.

Quando um trabalhador pede um punhado de gêneros alimentícios — arroz ou feijão — os patrões se negam a dar, sob o pretexto e que isto serviria de exemplo para os outros e se eles cedessem, todos também iriam pedir. E isto viria diminuir os lucros da firma. Do Correspondente — Pelotas.

VOZ OPERARIA

Diretor Responsável:

JOAO BATISTA DE

LIMA E SILVA

MATHEUS: Av. Rio Branco,

667 - 17º and. - Sala 1313

SUBSCRITORES:

SÃO PAULO - Rua dos

Estudantes, 24, Sala 29; F.

ALEGRE - Rua Voluntários

de 1914, 527, Sala 81

BOA VISTA - Rua da Palma,

206, Sala 206 - Ed. Sul;

SALVADOR - Rua João de

Deus, 4, Sala 1; FORTALEZA

— Rua Barão do Rio

Grande, 1248, Sala 24.

Endereço telegráfico da

VOZ OPERARIA

ASSINATURAS:

Anual Cr\$

Semestral Cr\$

Trimestral Cr\$

Nº AVISO Cr\$

Nº AVISO Cr\$

Este Semanário é reim-

presso em SÃO PAULO, RUA

JOÃO BATISTA DE DEUS,

1248, SALVADOR e

BOA VISTA

O Glorioso Partido Comunista da União Soviética,
Invencível Fôrça Transformadora da História

Meio Século de Lutas e Vitórias Do Partido de LÊNIN e STÁLIN

A Rádio de Moscou transmitiu um amplo resumo das teses da Boção de Propaganda do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética e do Inst. Marx-Engels-Lênin-Stálin, publicadas por ocasião do 50.º aniversário do P. O. U. S. O texto que a seguir apresentamos foi feito segundo a tradução em francês reproduzida por «L'Humanité». Os subtítulos são de VOZ OPERÁRIA.

Diz o preâmbulo das teses: O 50.º aniversário da abertura do 2.º Congresso do Partido Operário Social Democrata da Rússia (POSDR), a 30 de julho de 1903 é uma data memorável na vida do PC da URSS, dos povos de nosso país e na história de todo o movimento revolucionário internacional. Nesse congresso foram lançadas as bases dum partido marxista revolucionário de combate, dum partido da classe operária, dum partido do novo tipo fundamentalmente diferente dos partidos reformistas da II Internacional.

O 2.º Congresso foi o coroamento feliz da luta obstinada do grande Lênin pela criação dum partido proletário revolucionário da Rússia. Desde os anos da década de 90 do século passado, Vladimir Ilitch Lênin, adepto fiel da doutrina de Marx e Engels, desenvolvendo o marxismo em novas condições históricas, sustentava uma luta implacável contra os inimigos confessos e encobertos do marxismo, contra todas as manifestações de oportunismo no movimento operário, pela organização e unificação das forças do proletariado sob a bandeira do marxismo revolucionário.

O nome de Lênin transformou-se na bandeira dos trabalhadores do mundo inteiro na luta pela causa da paz, da democracia e do socialismo, pelo futuro radioso dos povos. Por sua luta devotada pela causa dos operários e camponeses, pelo socialismo, pela sua infatigável atividade de transformação revolucionária

da sociedade, o Partido Comunista da União Soviética conquistou o apoio e a confiança sem limites do todo o povo soviético.

Através duma longa experiência histórica, os trabalhadores da URSS se convenceram de que, entre todos os partidos que já existiram em nosso país, somente o Partido Comunista é um partido autenticamente popular, exprimindo os interesses vitais dos trabalhadores.

O Partido Comunista da União Soviética percorreu um glorioso caminho de meio século de lutas heróicas, de duras provas e de vitórias de alcance histórico-mundial. Toda a história do P. C. U. S., testemunha o triunfo da grande e vitoriosa doutrina do marxismo-leninismo. A riquíssima experiência do P. C. U. S., é um elevado exemplo para os Partidos Comunistas e Operários de todos os países em sua luta consequente para a transformação revolucionária da sociedade.

Viragem no movimento operário internacional

O primeiro capítulo das teses é consagrado à importância histórica do Congresso, que criou, na Rússia, um partido verdadeiramente marxista que deveria tornar-se um exemplo para o movimento operário internacional. Pela primeira vez na história, depois da morte de Marx e Engels, o Congresso adotou um programa revolucionário.



Em maio de 1907 reuniu-se em Londres o V Congresso do Partido Operário Social-Democrata da Rússia, a que compareceram Lênin e Stálin. Esse Congresso marcou um grande triunfo dos bolcheviques no movimento operário. No clichê vêem-se Lênin, Stálin e outros delegados ao V Congresso do P. O. S. D. R.

A luta implacável de Lênin, no Congresso e no período que se lhe seguiu, contra o oportunismo, em defesa dos princípios ideológicos e de organização do bolchevismo, revelou-se de uma grande importância internacional. Desmascarando implacavelmente no plano ideológico e de organização as teorias dos mencheviques, Lênin vibrou um golpe vigoroso nos divisionistas, nos renegados do marxismo, em todo o oportunismo internacional.

Isto teve uma importância enorme para o desenvolvimento do movimento revolucio-

nário em todos os países. O 2.º Congresso do P. O. S. D. R. marcou uma viragem no movimento operário internacional.

A luta pela ditadura do proletariado

O segundo capítulo das teses abarca o período que vai do 2.º Congresso em 1903 até à vitória da Grande Revolução Socialista de Outubro, em 1917. A linha revolucionária invariavelmente seguida pelo Partido em 1903 de acordo com os interesses vitais do proletariado e dos camponeses e de todos os povos da Rússia. Sua

política visava desencadear a revolução popular e levá-la ao triunfo, e libertar os trabalhadores do jugo do tzarismo e dos latifundiários.

No período do desenvolvimento da primeira revolução russa, Lênin fundamentou plenamente a tática bolchevique, a tática da classe operária, elaborou os fundamentos da tática do Partido Comunista. Lênin desenvolveu a idéia da hegemonia do proletariado na revolução democrático-burguesa e mostrou que, nas condições históricas da época, a vitória da Revolução tinha como condição indispensável a aliança da classe operária com o campesinato, salvando o proletariado seu papel dirigente.

Durante a primeira guerra mundial (1914-1918), o Partido, invariavelmente fiel ao marxismo-leninismo, lutou para transformar a guerra imperialista em guerra civil, para derrubar o poder dos imperialistas na Rússia, para apoiar a luta contra a guerra imperialista em todos os países.

A obra clássica de Lênin «O imperialismo, etapa superior do capitalismo» foi uma notável contribuição ao tesouro do marxismo criador. O mérito histórico de Lênin é o de ter feito uma imensa descoberta científica: ele formulou e desenvolveu a tese genial da possibilidade de romper a corrente da frente mundial do imperialismo pelo seu elo mais fraco, a tese da possibilidade de socialismo vencer inicialmente em alguns países capitalistas ou mesmo numa só pais capitalista isolado.

Guiado pelo Partido Comunista, os trabalhadores russos foram os primeiros no mundo que aproveitaram com êxito o enfraquecimento do capitalismo mundial na guerra de 1914-1918. Derrubaram o tzarismo,

a dominação dos capitalistas e latifundiários e instauraram o Poder Soviético. O Partido Comunista conduziu o povo soviético pelo caminho das transformações socialistas, ainda desconhecido na história humana.

A luta pela edificação do socialismo

O terceiro capítulo das teses indica que a Grande Revolução Socialista de Outubro de 1917 abriu uma nova era na história da humanidade, a era do desmoronamento do capitalismo e do triunfo do socialismo e do comunismo.

Sob a direção do Partido Comunista, os trabalhadores soviéticos foram os primeiros a trilhar o caminho explorado da edificação do socialismo, mostrando a toda humanidade como construir uma vida livre e feliz. Nos quinquênios de antes da guerra, o povo soviético realizou com êxito os planos de industrialização socialista e de coletivização da agricultura elaborados pelo Partido. A União Soviética tornou-se um poderoso Estado socialista, industrial e colossal. No País dos Sovietes as classes exploradoras foram liquidadas definitivamente, a exploração do homem pelo homem foi suprimida para sempre. Guiado pelo Partido Comunista, o povo soviético foi o primeiro na história a edificar um novo regime social: o socialismo.

A vitória do socialismo livrou os povos uma radical melhoria em suas condições materiais. Uma revolução cultural realizou-se nos países.

Inspirado na política leninista-stalinista das nacionalida-

(Conclui na 4.ª pag.)

EDITORIAL

A Lei de Fidelidade aos Estados Unidos

Ao enviar ao Congresso o projeto-lei clinicamente batizado «de fidelidade à pátria» — a mais fascista das leis fascistas que já elaborou — Getúlio Vargas expõe seus propósitos terroristas de aniquilação total das liberdades democráticas.

Na representação do Conselho de Segurança Nacional, em maio último, o grupo de generais fascistas, incumbido de elaborar essa lei, dizia claramente o que entende por «companhias de fundo comunista» e a que pátria reclama fidelidade. «A ação subversiva desse grupo de oficiais da reserva — dizia o infamante documento — se faz sentir mais frequentemente em tudo que possa prejudicar a participação do Brasil como integrante das Nações Unidas, ao lado dos Estados Unidos». E lá mais longe ainda: «Filiam-se às companhias de origem comunista do petróleo é nosso», da «paz», etc., e atacam sistematicamente os Estados Unidos.

O Brasil é membro das Nações Unidas? — Sim, mas com a condição de fazer o que os americanos mandam, de apoiar suas aventuras e provocações guerreiras. Fidelidade à Pátria? — É claro, desde que essa pátria seja a América do Norte e não o Brasil.

E que significa hostilidade à forma do governo? Quem exige a submissão incondicional aos Estados Unidos aponta como crime a oposição patriótica a um governo de lacaios a serviço dos imperialistas ianques. A liberdade tem de ser reduzida à liberdade de oferecer o pescoço à canga, à liberdade dos rebanhos. Liberdade... mas desde que em função dos partidos políticos que funcionam com a licença de um governo de traição nacional.

Mas se o projeto põe à mostra os propósitos da cam-

arilha dominante, mais do que isso é de evidência a fragilidade do precário poder dos delegados de Wall Street que oprimem e esfomeiam a nação. O projeto não revela apenas o que o governo de Getúlio quer, revela igualmente o que ele é — um governo cada vez mais isolado e odiado pelos brasileiros, que só pode governar pelo terror para, ao menos adiar sua própria derrocada e a do regime de poder que encarna. Por isso investe contra os militares e funcionários públicos ameaçando seus cargos e patentes; ataca os direitos dos trabalhadores com a alegação fascista dos motivos políticos e ideológicos como «causa justa» para despedi-los dos seus empregos; agride a maioria esmagadora da nação que ama a paz e cada vez mais luta por ela; declara guerra à burguesia nacional que, ansiosa por libertar-se da opressão ianque, aspira a estabelecer relações normais de comércio com o campo socialista chefiado pela União Soviética.

Pode um governo como esse impor impunemente a sua lei fascista de traição nacional? É claro que diante da ameaça, a união patriótica de todos os brasileiros, a defesa ativa e militante de cada liberdade democrática, não de acelerar o processo da formação de uma frente democrática de libertação nacional.

O projeto visa isolar os comunistas, os mais consequentes, firmes e combativos dos patriotas. Os comunistas encarnam a honra e o valor da nação. Impossível atacá-los sem atacar todo o povo. Os candidatos a covardes da democracia aceleram sua própria derrota, pois não há futuro para os governos como o de Getúlio, que ligam seu destino ao destino de imperialismo americano.

Meio Século de Lutas e Vitórias Do Partido de Lênin e Stálin

Folhas no Brasil

DIA 29 - Pressionados pelos tubarões da imprensa sadia, capitaniados pelo gangster Chateaubriand, os membros das Comissões de Justiça e Legislação Social do Senado rejeitam o projeto que aumenta os salários e concede outros benefícios aos jornalistas profissionais.

Explode uma fábrica que trabalha para a guerra, em Lorena, Estado de São Paulo, matando 11 pessoas.

- Na Bahia, delegados do governo invadem a casa do Movimento da Paz, pisoteando cínicamente a própria Constituição e afrontando os sentimentos pacifistas do povo. Enquanto isso, acossados pela fome, entram em greve os gráficos da imprensa oficial.

DIA 30 - Comemorado em praça pública, no Rio o armistício na Coreia. Falando no comício realizado em frente à Câmara Municipal, ressalta o vereador Aristides Saldanha, a necessidade de dar ao povo nova contribuição à Paz, realizando com êxito o plebiscito em favor de negociações.

- Em declarações à imprensa, deputados à Assembleia Legislativa do Ceará regosijam-se com o armistício na Coreia, exaltando-o como uma vitória dos povos e passo importante para o entendimento e a paz.

DIA 31 - Assaltadas pela polícia de Getúlio e Regis Facheiro a redação e as oficinas do diário popular «O Momento». Protesta a Federação Nacional dos Jornalistas junto ao Ministro da Justiça contra o inominável atentado à liberdade de imprensa.

- Dirige-se a Assembleia Legislativa do Minas ao governo, concitando-o a realizar esforços em prol de uma reunião dos Quatro Grandes.

- Em assembleia promovida pela União Nacional dos Servidores Públicos, decidem os «barnabés» apresentar ao governo uma «Carta Nacional de Reivindicações», pela qual lutarão.

DIA 1 - Comemorado pelos jovens, em todo o país, o 30º aniversário da União da Juventude Comunista. Convocada por dezenas de líderes camponeses e sindicais do Ceará a Conferência Estadual dos Trabalhadores do Campo para o dia 29 do corrente.

- A Câmara Municipal de Petrópolis decreta feriado por motivo do armistício na Coreia.

DIA 2 - Instalada no Sindicato dos Bancários, em São Paulo, a Comissão Central Organizadora da Conferência Nacional dos Trabalhadores Agrícolas, a ser realizada em setembro vindouro.

DIA 3 - Pronuncia-se o senador Atilio Vivacqua contra o projeto fascista da lei de infidelidade à Pátria, apontando-a como um princípio verdadeiramente perigoso para o regime democrático. No mesmo sentido, manifesta-se, com veemência, o deputado Campos Vergal.

DIA 4 - Instalado no Rio o I Congresso Nacional de Previdência Social, reunindo representantes do proletariado de todo o país.

- Iniciado na Câmara, pelo deputado Roberto Morera, o combate ao projeto da lei de infidelidade, taxado pelo parlamentar comunista de lei de traição à pátria e de sufocamento das liberdades.

(Conclusão da 3ª Pág.)

Des, o Partido Comunista libertou os povos da Rússia do secular jugo social e nacional, superou o atraso econômico e cultural dos povos antes oprimidos, agrupou todas as nacionalidades do país numa família fraternal e unida, criou um poderoso Estado socialista multinacional: a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

A edificação do socialismo na URSS é o resultado da aplicação dos preceitos de Lênin, o resultado da grande atividade de organização e direção do trabalho heróico dos operários, dos camponeses, dos intelectuais que apoiam unanimemente a política do Partido.

A grande guerra pátria foi a verificação mais séria de todas da vitalidade do regime social e político dos Soviéticos. O partido foi o inspirador e organizador da luta de todo o povo contra os invasores fascistas. Esmagando os agressores fascistas, sob a direção do Partido Comunista, os povos soviéticos salvaram a liberdade e a independência da pátria, libertaram os povos da Europa e da Ásia da ameaça da escravização fascista.

Graças à vitória do socialismo sobre o fascismo na segunda guerra mundial, cresceram e se consolidaram as forças do socialismo e da democracia, enfraqueceram as posições do imperialismo e da reação. Vários países da Europa e da Ásia instauraram o regime democrático-popular e se desligaram do sistema capitalista. O triunfo da revolução popular na China e a formação da República Popular Chinesa foi uma vitória imensa do socialismo e da democracia.

No pós-guerra, os povos soviéticos realizaram um imenso esforço para curar as terríveis feridas da guerra e liquidar suas consequências. Inspirados e organizados pelo Partido Comunista, os trabalhadores de nosso país reconstruíram rapidamente a economia nacional e fizeram progredir todos os ramos da eco-

nomia, da técnica e da cultura soviéticas.

O XIX Congresso do PCUS fez um balanço da luta e das vitórias do povo soviético e traçou um programa de progresso incessante do País Soviético. Pondo em prática as resoluções históricas do XIX Congresso, o Partido deu um novo impulso à economia nacional e à cultura em todos os domínios. A URSS, conclui o terceiro capítulo das teses, cheia de poder inquebrantável e de forças criadoras, avança com êxito no caminho da construção do comunismo.

O Partido, organizador e guia da construção do comunismo

O Partido Comunista cumpre com êxito sua missão de guia e organizador das massas populares, porque é constituído uma união de combate dos comunistas unidos por um mesmo ideal, ligados por objetivos comuns pela unidade de ação e disciplina. O Partido Comunista parte do princípio de que os operários e camponeses, criadores de todos os bens da vida, são os verdadeiros artífices da história. A força do Partido reside em suas laços indissolúveis com o povo. A força do povo reside em sua união estreita em torno do Partido. Toda vitória do Partido Comunista da União Soviética é o marxismo-leninismo em ação.

Generalizando a riquíssima experiência da edificação socialista na URSS e a experiência do atual movimento internacional de libertação, dizem as teses, I. V. Stálin desenvolveu a doutrina marxista-leninista aplicando-a a novas condições históricas e, em muitos domínios, enriqueceu a teoria revolucionária com teses novas.

Na hora atual, o Partido cumpre as tarefas grandiosas da construção do comunismo, da consolidação do Estado socialista multinacional. O Partido se dedica incansavelmente a satisfazer as necessidades materiais e culturais crescentes dos trabalhadores. A solicitude pelo bem-estar do homem soviético, pelo desenvolvimento de todo o povo so-

viético é uma lei para o Partido Comunista. Os êxitos da economia socialista resultaram numa séria elevação do nível material e cultural, o que se exprime no aumento incessante da renda nacional, na baixa sistemática dos preços dos artigos de consumo corrente, na elevação dos salários reais dos operários e empregados e nas rendas dos camponeses. Crescem de ano para ano os créditos estatais para a construção de habitações, a saúde pública e a instrução pública. A solicitude constante do Partido está na base do desenvolvimento incessante da cultura soviética.

O Partido Comunista considera seu dever primordial continuar melhorando constantemente o bem-estar e o nível cultural dos trabalhadores da URSS.

Pela paz, pela coexistência pacífica

No domínio da política externa, o principal objetivo do Partido é proteger o trabalho pacífico do povo soviético e não permitir que se desencadeie uma nova guerra.

O Partido Comunista proclama que a política de paz é a única justa, a única que está de acordo com os interesses vitais do povo soviético e da paz. Em toda sua política externa o Partido se inspira no preceito de Lênin que afirma que são possíveis a coexistência prolongada e a competição pacífica entre os sistemas socialista e capitalista. Estamos firmemente convencidos das vantagens do sistema econômico socialista, no regime socialista. Estamos absolutamente seguros de nossas forças interiores e das forças em constante crescimento do campo da paz, da democracia e do socialismo.

De outra parte, dizem as teses, não se pode deixar de tomar em conta que no campo do imperialismo devorado por contradições, agrava-se a instabilidade da economia, e que a política dos meios dirigentes, indo até ao medo da paz, ao medo da competição

pacífica dos dois sistemas, perdeu a confiança na solidez do sistema capitalista para o futuro. Declarações de eminentes economistas europeus americanos reconhecem o progresso rápido e constante da economia do campo socialista e democrático, ao mesmo tempo que a agravação das contradições, e aprofundamento das dificuldades econômicas no campo capitalista.

Estas circunstâncias tornam mais ativas as forças reacionárias imperialistas que intensificam toda espécie de provocações, de aventuras e de diversionismo contra o campo socialista e democrático. Tudo isso torna ainda mais necessário o cuidado infatigável para assegurar como é devido a defesa do País Soviético.

O Partido considera seu dever sagrado reforçar constantemente o poderoso campo da paz, da democracia e do socialismo, consolidar constantemente a amizade e a solidariedade do povo soviético com o grande povo chinês, com os trabalhadores de todos os países de democracia popular. O Partido considera seu dever sagrado educar os trabalhadores no espírito do patriotismo soviético e a indefectível amizade dos povos da URSS, no espírito do internacionalismo proletário e da amizade com os trabalhadores de todos os países.

O Partido persevera sem desfalecimento na política de manutenção e consolidação da paz, de cooperação com todos os países e do desenvolvimento das relações comerciais com eles na base do respeito aos interesses recíprocos. Somente uma paz sólida e durável entre os povos cria as condições necessárias ao desenvolvimento ulterior e incessante da economia socialista e para a edificação duma vida feliz para os trabalhadores de nosso país.

O Partido Comunista da União Soviética, estreitamente ligado ao povo, avança com segurança para novas vitórias.

CRÔNICA INTERNACIONAL

DESENVOLVE-SE A CRISE POLÍTICA ITALIANA

CAIU da sela o mais experimentado cavaleiro «atlântico» de toda a Itália: De Gasperi e seu gabinete deram, em terra assim que solicitaram ao Parlamento o primeiro voto de confiança. O velho ginete, que fo. curar suas partes doloridas, cederá o posto a algum outro «cruzado» ocidental, que tentará saltar os ásperos obstáculos que o levaram ao chão.

Consolando-se das aperturas por que passam, suspiram os líderes derrotados da Itália: «Afinal de contas, se nossos colegas da França já caíram mais de vinte vezes, nós bem temos direito a mais uns tantos tombos!»

Triste consolo, que a questão não pode resolver-se com o simples levantar para cair de novo. A atual crise ministerial italiana é, na realidade, um aspecto da mais profunda crise política que agita o país, de uma situação em que o povo não se contenta com meras substituições de Ministérios, mas exige a completa transformação dos rumos do governo.

A 7 de junho, os italianos votaram decididamente contra a política demo-cristã e impuseram o fim da ditadura parlamentar dos partidos americanizados. Apesar de toda a pressão que o imperialismo americano, o Vaticano, e Estado e as forças da reação inter-

na exerceram sobre o eleitorado, esse condenou preempitoriamente a política anti-nacional e guerreira de De Gasperi. As forças socialmente mais ponderáveis do país sufragaram os candidatos de esquerda e, principalmente, os candidatos do Partido Comunista Italiano, calculando-se que, sem a coação eleitoral existente, o P.C.I. conseguiria reunir cerca de 50 por cento de votos a mais.

Se, na Itália, em lugar de meros serviçais do capitalismo lanque, houvesse estadistas realmente nacionais e democratas à frente dos postos de governo, sua primeira atitude após as eleições seria tomar em consideração os resultados das urnas e agir em função deles. Mas o que menos interessou a De Gasperi e aos que o apoiam foi respeitar os resultados do pleito. Por isso não puderam até agora obter uma sólida maioria parlamentar; por isso continua a crise que a bem dizer iniciou-se logo após a grande vitória democrática de junho passado. A pressão popular impediu até agora que os socialistas de

direita, chefiados pelo renegado Saragat, possam fornecer aos democrata-cristãos o apoio político americano, o apoio que nunca lhes negaram noutras circunstâncias. Esses inimigos jurados da classe operária sentem necessidade de manobrar politicamente, para tentar salvar-se diante daquela parte do proletariado que, iludida, ainda sofre sua influência. Manobras similares são também postas em prática pelos pequenos partidos centristas, arruinados por tantos anos de compromisso com a política de De Gasperi, ao passo que sob a ação das massas os próprios dirigentes democrata-cristãos ainda não puderam concretizar a aliança aberta com os fascistas e monarquistas, conforme é seu desejo.

Hoje, não há salvação possível para os governos que se apoiam nas forças do obscurantismo e da guerra. A crise de governo na Itália não pode, por isso mesmo, ser resolvida por simples combinações «de cima», pela contabilidade de votos parlamentares. Como indicou Togliatti, em seu informe ao Comitê Central do Partido Comunista Italia-

no, em 2 de julho, para que seja obtido o respeito às regras democráticas será necessário apelar para uma ampla ação de massas, desenvolver uma intensa atividade, uma luta política no parlamento e fora do parlamento, exigindo respeito aos resultados das eleições. Os comunistas buscam um acordo concreto que permita a formação de um novo governo que corresponda aos resultados das urnas e à expectativa da maior parte da nação. Nesse sentido, eles propõem que, à base dos programas e dos pontos de vista dos partidos, sejam elaboradas amplas linhas de ação comum que possam dar corpo a uma nova orientação política para o país. O programa eleitoral claro e justo com que se apresentaram é a sua primeira contribuição a esse entendimento, recusado até agora pelos partidos que se dizem do «centro», sobretudo pelo Partido Democrata Cristão.

Mas o povo italiano retemperado por sua magnífica vitória de 7 de junho está abrindo, dia a dia, o caminho para a execução da política que ele exige, a política de paz e de progresso social que salvará a Itália da guerra, da ruína e da sujeição aos magnatas do dólar. Não conseguirão melhor êxito do que De Gasperi os Piccioni ou Gonella que venham a sucedê-lo, se insistirem em praticar a mesma orientação nefasta que o povo da Itália determinou revogar, e que revogará sem dúvida...

PRESTES Telegrafa a MAO TSE TUNG e KIM IR SEN

Por motivo da conclusão do armistício na Coreia, Luiz Carlos Prestes dirigiu a Mao Tse-Tung, Presidente da República Popular da China e ao marechal Kim Ir-Sen, Primeiro-Ministro da República Democrática Popular da Coreia, os seguintes telegramas:

«MAO TSE-TUNG — Pequim — CHINA

O Partido Comunista do Brasil manifesta ao querido camarada Mao Tse-Tung a entusiástica saudação do povo brasileiro pela vitória do armistício, conquistada pelos povos coreano e chinês.
A ajuda fraternal dos voluntários chineses aos comba-

tentes da Coreia na luta heróica contra o agressor norteamericano constitui exemplo de internacionalismo proletário e contribuiu decisivamente para essa histórica vitória do campo da paz e da democracia liderado pela gloriosa União Soviética.

Afetuosamente,

a) LUIZ CARLOS PRESTES.»

KIM IR-SEN — Piongyang — COREIA

O Partido Comunista do Brasil congratula-se com o

Partido do Trabalho e com o glorioso povo coreano pela assinatura do armistício. O povo brasileiro, que, durante mais de três anos, acompanhou com erogação a luta heróica em defesa da Patria dos valentes soldados coreanos, apoiados pelos voluntários chineses, contra os agressores norteamericanos, rejubila-se com essa histórica vitória das forças da paz e da democracia.

O Partido Comunista do Brasil deseja novos êxitos ao povo da Coreia na tarefa de reconstrução e unificação da valorosa nação coreana.

a) LUIZ CARLOS PRESTES.»

A Coreia Voltará A Ser o País das Manhãs Tranquilas

OS ESCOMBROS SERÃO TRANSFORMADOS EM CIDADES FLORESCENTES E OS CAMPOS DARÃO NOVAS COLHEITAS — JÁ INICIADA A RECONSTRUÇÃO DO PAÍS PELO GOVERNO DEMOCRÁTICO-POPULAR

Pela primeira vez em quatro anos, o mês de agosto ao chegar não encontra os homens se entrematando na Coreia. O ronco dos aviões ianques não quebra o silêncio das noites anunciando a próxima descarga de micróbios pestíferos ou o incêndio de pacíficas aldeias da retaguarda. Cessou o fogo em toda a vasta frente de batalha, onde o povo coreano, por mais de três anos, ombrou a ombro com os voluntários chineses e amparado por

toda a humanidade progressista, sustentou a honra, a paz e o progresso de nossa época.

Pela primeira vez, em trinta e oito meses, as tropas invasoras, que o imperialismo transformou em feras não estão destruindo os frutos de um trabalho pacífico, executado com amor e carinho por um povo feliz. Mesmo nas hordas americanas raia uma grande esperança de regressar à pátria de onde partiram para destruir lares alheios.

Cessou o fogo e pararam os combates.

Mas restam os escombros, a terra calcinada, as cidades feitas pó, as crianças mutiladas, e os focos de peste. Resta a memória dos crimes que não se podem esquecer dos crimes que não serão esquecidos!

Vêde essas famílias que habitam abrigos cavados na terra, pedaços de muros que permaneceram em pé ou choupanas rústicas. São os antigos habitantes de Sinuiju, em 1950 uma cidade de mais de 126.000 habitantes, e 14.000 edifícios. Tinha suas escolas, suas igrejas e seus hospitais. Mas num só «raide» de terror os incendiários ianques destruíram 9.000 edifícios, arrancaram 35 escolas e mataram 5.000 crianças e mulheres.

Aqui foi Nampho. Após um ano de guerra, metade da população tinha sido assassinada pelos invasores da «O.N.U.». Wonsan está inteiramente arrasada por três anos de bombardeio aéreo e naval. Tinha mais de 120.000 habitantes e cerca de 60.000 casas.

Nos distritos mais próximos ao paralelo 38 não ficou uma só casa habitável. Os americanos arrasaram o país e abriram fossas. Como a de Chel-yon onde enterraram vivas

150 pessoas, como a de Tai Tchang May, como as de tantos outros lugares!

Por onde passaram, não deixaram escola de pé, campo lavrado ou ovelha balindo. Mas a morte, a destruição e a dor.

Numa casa de Ok Tchom Ri morava a enteada do camponês Se Dong-Cho. Tinha 23 anos. Quando os ianques chegaram ela esperava um filho. Despiram-na expuseram-na pelas ruas, penduraram-na em uma árvore, e abriram-lhe o ventre para arrancar a criança. As três mulheres da família de Se Yang Son, de An-To, não tiveram melhor sorte: seus seios foram decepados, e todas elas mortas pela introdução de um ferro em brasa. Somente numa província, os americanos

e os mercenários de Sing-Man Khee violaram 2.903 mulheres em sua rápida ocupação.

Essas monstruosidades não serão perdoadas. Os escombros serão novamente transformados em cidades florescentes e os campos talados darão novas colheitas. Mas o crime permanecerá crime.

O governo da República Popular da Coreia já iniciou as medidas para a restauração e reconstrução do país, especialmente de Piongyang, sua capital. Antes da guerra, Piongyang era uma cidade de 400.000 habitantes, com muitos edifícios, grandes e modernos, de cimento armado. Possuía, além de outras, muitas fábricas têxteis de calçados, de produtos alimentares e de adubos químicos. Possuía uma ópera, 9 teatros, 20 cinemas, uma universidade, construída depois de 1945, 73 escolas primárias, 20 secundárias, 6 institutos e 4 colégios técnicos, vários hospitais. Em Piongyang a destruição atingiu 100%. Os americanos que já a haviam arrasado quase de todo com os bombardeios, arruinaram o que restava de pé quando ocuparam a cidade. E, depois de libertada, ela continuou a ser sistematicamente visada pelos bombardeios de saturação.

O plano elaborado para a reconstrução de Piongyang será executado em um período de dez a quinze anos. Mas as obras de primeira necessidade estarão prontas dentro de três anos. Os monumentos históricos serão restaurados, entre os quais o templo, velho de 2.000 anos, que os invasores destruíram.

Depois de reconstruída a ca-

pital da República Popular da Coreia será mais bela do que antes da guerra patriótica. Numerosos parques e jardins serão abertos, junto às casas projetadas em 3 andares e surgirão piscinas e estádios.

Segundo o grande exemplo da União Soviética, que em poucos anos restaurou e levou a um nível mais alto a economia nacional — duramente atingida pelos nazistas, o povo coreano, dirigido pelo Partido do Trabalho, atirou-se prontamente à reconstrução do país.

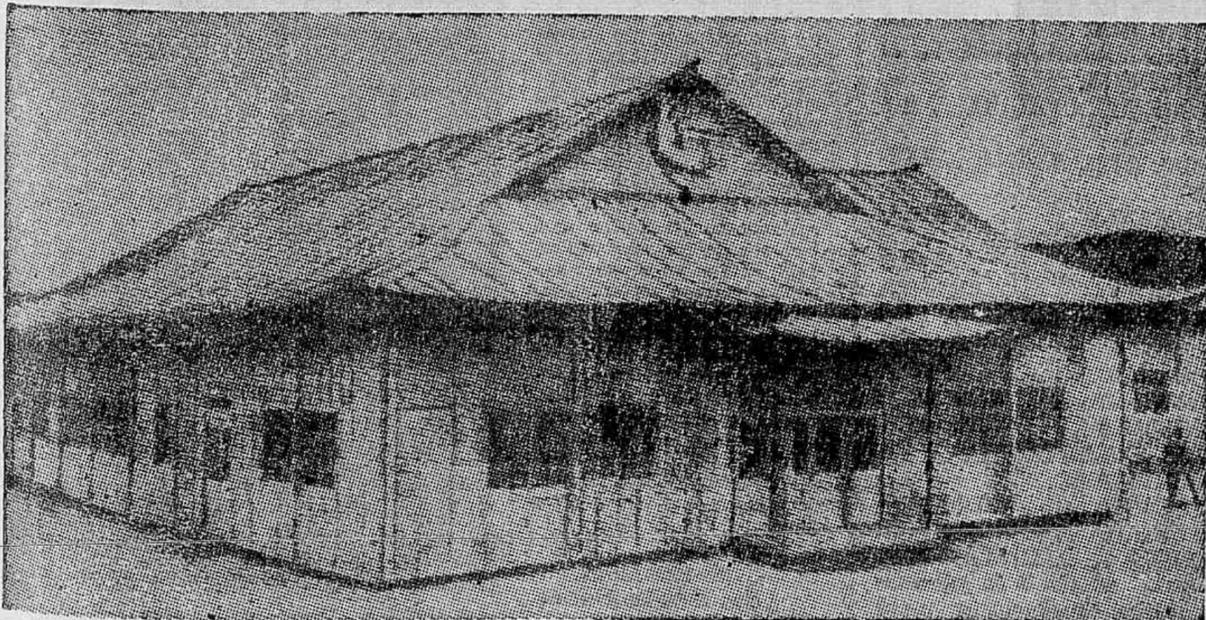
Esses esforços são uma nova demonstração de seu acendrado amor à paz, de seu desejo profundo de que o armistício signifique a suspensão definitiva das hostilidades e não simples trégua, prelúdio de mortandade ainda maior. Enquanto isso, os líderes da Coreia do Sul e o incendiário da guerra Foster Dulles tramam o reinício da guerra e estudam os meios de levar a cabo a obra de destruição interrompida pela vontade dos povos. Os que tudo fizeram para impedir o armistício, empenham-se agora para levá-lo ao fracasso.

Mas os povos que puderam impor a paz aos imperialistas têm forças suficientes para mantê-la e consolidá-la.

..E o povo coreano, auxiliado pela União Soviética e os demais países do campo democrático, continuará a receber a solidariedade de todas as pessoas honradas e fará novamente de sua pátria «o país das manhãs tranquilas», cantado pelos poetas e amado pelos trabalhadores.



Éis como os habitantes de Piongyang, antes da guerra uma bela cidade de 400 mil habitantes, passaram a viver depois dos bárbaros bombardeios e destruições levados a efeito pelos invasores norte-americanos.



Nesta fotografia histórica do «Pagode da Paz», em Pan Mun Jom, pode-se ver a pomba da paz pintada pelos construtores da casa — operários e soldados coreanos e chineses. O comando americano considerou a Pomba da Paz um insulto e como condição de última hora para a assinatura do armistício exigiu que o símbolo da paz fosse removido.

Relações com a URSS

PARA SALVAR O BRASIL DA BANCARROTA

Um mercado de 800 milhões de consumidores, constituído pela U.R.S.S., China e as Democracias Populares, capaz de liquidar com o atual impasse no comércio exterior e aliviar a situação de carestia e desemprego entre as massas trabalhadoras

Reportagem de Vicente GUSMÃO

POR QUE O BRASIL HA DE SER A EXCEÇÃO?

Todas as nações capitalistas encontram-se a braços com dificuldades crescentes para sobreviver. A 'ajuda' americana não resolve seus problemas e só contribui para aprofundá-los ainda mais na crise. Daí a tendência irresistível que se manifesta atualmente no sentido de aumentar o comércio com a URSS, a China e as democracias populares, que constituem um sólido mercado de 800 milhões de pessoas. Damos abaixo um quadro dos acordos comerciais concluídos entre as nações do campo democrático e países capitalistas e semicolônias, somente durante os últimos meses:

- 1 — URSS, FINLÂNDIA, POLÔNIA, TCHECOSLOVAQUIA
Concluído em setembro de 1952, pelo qual haverá um amplo intercâmbio entre os quatro países.
- 2 — URSS, SUÉCIA
Concluído a 9 de abril, em Moscou. Prevê trocas no valor de 75 milhões de coroads suecas. Entre outros artigos a URSS fornecerá petróleo e automóveis à Suécia.
- 3 — URSS-POLÔNIA-BULGÁRIA-EGITO
O Egito fornecerá à outra parte grande quantidade de algodão, em troca de 115.000 toneladas de trigo.
- 4 — URSS, NORUEGA
Concluído para o ano de 1953, durante o qual a Noruega fornecerá gorduras, peixe e alumínio, em troca de manganês, fosfatos, cereais e outros.
- 5 — URSS, FRANÇA
Prevê trocas no valor total de 24 bilhões de francos. Entre outros artigos, a URSS fornecerá petróleo, em troca de artigos como tecidos, cacau, lã, etc.
- 6 — URSS, DINAMARCA
Assinado a 17 de julho último, para cada lado.

no valor de 145 milhões de coroads.

- 7 — URSS, GREGIA
Assinado no dia 28 do mês passado no valor conjunto de 20 milhões de dólares.
- 8 — URSS, ARGENTINA
Concluído há dias, prevê trocas no valor conjunto de 200 milhões de dólares.

OUTROS ACÓRDOS

- 9 — TCHECOSLOVAQUIA, FINLÂNDIA
- 10 — RUMANIA, AUSTRIA
- 11 — POLÔNIA, ISLÂNDIA
- 12 — CHINA, PAQUISTÃO
- 13 — FRANÇA, TCHECOSLOVAQUIA
- 14 — HUNGRIA, HOLANDA
- 15 — POLÔNIA, SUÉCIA
- 16 — HUNGRIA, SUÍÇA
- 17 — POLÔNIA, DINAMARCA
- 18 — POLÔNIA, AUSTRIA
- 19 — TCHECOSLOVAQUIA, DINAMARCA
- 20 — HUNGRIA, NORUEGA
- 21 — TCHECOSLOVAQUIA, NORUEGA
- 22 — TCHECOSLOVAQUIA, HOLANDA
- 23 — REP. DEM. ALEM. EGITO
- 24 — RUMANIA, ALEMANHA OCIDENTAL
- 25 — CHINA, JAPÃO
- 26 — HUNGRIA, FRANÇA
- 27 — REP. DEM. ALEM., FINLÂNDIA
- 28 — BULGÁRIA, ÍNDIA
- 29 — HUNGRIA, GREGIA
- 30 — POLÔNIA, NORUEGA
- 31 — TCHECOSLOVAQUIA, INDONÉSIA
- 32 — POLÔNIA, INDONÉSIA
- 33 — HUNGRIA, INDONÉSIA
- 34 — CHINA, INGLÂTERRA
Assinado no dia 6 de julho último, o acordo anglo-chinês prevê trocas no valor de 30 milhões de libras para cada lado.

EM 1952, o comércio exterior do Brasil apresentou o maior déficit já registrado na balança comercial do país: 12 bilhões de cruzeiros.

O Brasil está devendo a todo mundo, menos à Argentina e ao Paraguai, afirmou Osvaldo Aranha, Ministro da Fazenda.

Atravessa o Brasil a maior crise de sua história — exclama, em Fortaleza, o presidente da Confederação Nacional do Comércio, sr. Brasília Machado Neto.

Os insolentes banqueiros norte-americanos, ávidos de se atirarem sobre a presa e abocanharem todas as suas riquezas, já proclamam abertamente, através da «Mo Crawl Hill», que o Brasil está à beira da bancarrota.

O Brasil produz mas não vende

Grande parte dos produtos brasileiros não está sendo vendida no mercado internacional. Nas condições atuais, esses produtos não obtêm preços compensadores (caso do algodão) ou mesmo não encontram quem os queira comprar, como acontece com o açúcar. As exportações diminuíram assustadoramente. Só nos primeiros quatro meses deste ano houve uma queda de 14% em relação a igual período do ano passado. Exportou-se até agora 853 mil sacas de café a menos do que em 1952. As exportações de algumas mercadorias caíram mesmo a zero ou a quase nada. Tal é o caso dos tecidos de algodão, do arroz, do pisho, do babaçu e da essência de pau rosa.

Acumulam-se os estoques. É a lá o Rio Grande do Sul e o açúcar de Pernambuco (mais de 4 milhões e sacas); o algodão de São Paulo (5 e 6 bilhões de cruzeiros em estoque) e as madeiras do Sul; a castanha do Pará e o babaçu do Nordeste.

A tirania do dólar

Por outro lado, nas presentes circunstâncias, não há condições para importar nem mesmo artigos essenciais à economia do país. As importações caíram, este ano, a menos da metade do nível do ano passado. E pagamos cada vez mais caro por artigos como o petróleo e seus derivados, que custaram ao Brasil cerca de 4 bilhões e meio de cruzeiros em 1952. Sem poder importar máquinas, peças e materiais essenciais à indústria, à agricultura e até aos serviços públicos (caso do Corpo de Bombeiros), o que se verifica é a paralisação das atividades econômicas, o fechamento de fábricas, o desemprego, o agravamento ainda mais acentuado da situação de dificuldades e extrema penúria em que vive o nosso povo.

Acorrentados pelos Estados Unidos

Por que isso acontece? Porque o Brasil está dominado pelo imperialismo ameri-

cano, que controla a nossa economia e dita a política a ser seguida pelo governo de Getúlio.

É nos Estados Unidos que vendemos 51% das nossas exportações. Os Estados Unidos são o principal e, por vezes, o único importador dos produtos que constituem 75% das exportações brasileiras. Nestas condições, é a Bolsa de Nova York quem determina os preços de nossas mercadorias. São os trustes americanos que decidem o que devemos produzir e em que condições temos de comerciar. Eles detêm as posições-chave na vida econômica e política do país e obrigam-nos a comprar seu petróleo e seus produtos manufaturados, suas bugigangas e seus filmes de crime e corrupção. E



A URSS e algumas democracias populares compram vastos celeiros de melhor trigo. Para comprar o trigo, o mercado democrático não se preocupa de dólares, bastando em troca, como o fez agora o Egito.

se arruine a lavoura cacaujeira e chitreguemos minérios, areias monásticas para a máquina de guerra inaque e — por que não — o nosso petróleo. Em vez de castanha da Amazonia, manganês. Em lugar do babaçu, mais minério de ferro... Tudo isto levando a uma monstruosa deformação da economia nacional, transformada em «economia complementar» à economia dos Estados Unidos.

Remédio que mata

Amarrado à gaveta dos banqueiros inaque, o governo do Getúlio restringe drasticamente as importações, agravando ainda mais o atoleiro em que se afunda o país. Para sair de uma situação ocasionada pela dominação do país pelos imperialistas americanos, o grupo governante só pensa em empréstimos em Nova York, em «atrair os capitais» do Wall Street em troca da entrega total das riquezas do país, isto é, tornando ainda mais pesado e insuportável o jugo do opressor imperialista. Eis o veredicto recitado por Getúlio: curar o mal carregando ainda mais no veneno que o gerou...

A única saída

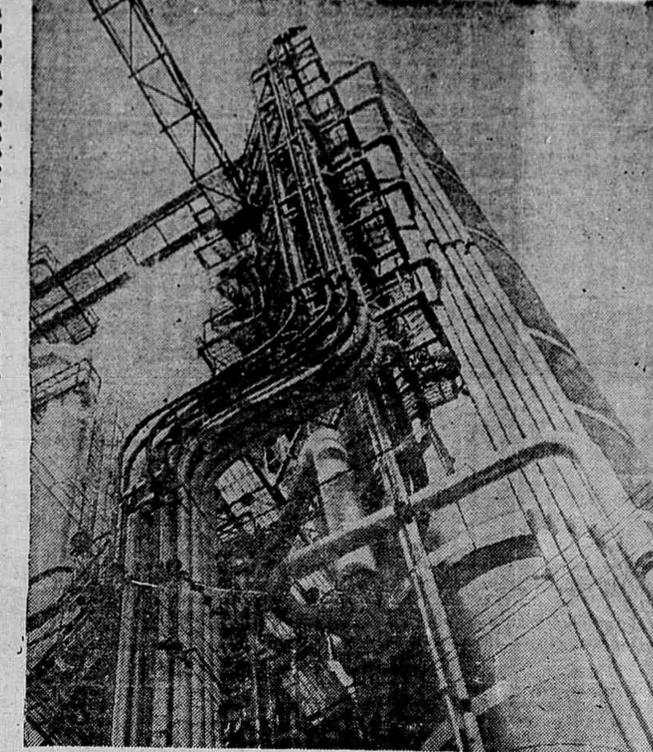
Existe, porém, um meio de sair do atoleiro. O comércio exterior do país pode ser salvo da bancarrota. Esta é a saída: comerciar livremente com todos os países, fundamentalmente com a URSS, a China e as democracias populares, que representam um mercado de 800 milhões de pessoas e não conhecem as crises capitalistas. Esta é a solução que se torna dia a dia mais urgente não somente para o povo como para largos círculos de homens de negócio, assediados pela mesquinhez do comércio atual.

Esta questão foi colocada em bases claras e vívidas, pela primeira vez, na Conferência Econômica Internacional, realizada em Moscou, em abril de 1952. O governo de Getúlio tudo fez para esconder as perspectivas abertas pela histórica Conferência de Moscou, assim como faz o que pode para impedir o máximo nosso intercâmbio com a Tchecoslováquia e a Polónia. Desde então, porém, as dificuldades do país só ficaram aumentando. E entre os países capitalistas, assediados pela «ajuda» americana, crescem enormemente a pressão em favor do comércio com o poderoso campo democrático.

Esta solução, prática e inadiável, para a crise do nosso comércio exterior, viria trazer uma desafogo na situação econômica do país, contribuiria para aliviar a situação de miséria das massas trabalhadoras, para liquidar com o desemprego e provocar o barateamento dos preços dos gêneros.

Mercado gigantesco para todos os produtos

O intercâmbio comercial com a URSS traria benefícios imediatos para todos os produtos de exportação:



Aumenta constantemente a produção de petróleo rumeno, graças a poderosas refinarias como esta, fornecida pela União Soviética. O petróleo rumeno pode ser adquirido pelo Brasil, em troca de cacau ou algodão

Café: A ampliação do mercado sustentaria os preços do café e acabaria com as flutuações na procura do produto. São oito milhões de eventuais consumidores. O atual consumo de café na URSS é pequeno devido aos altos preços que os soviéticos são obrigados a pagar pelo café brasileiro, exportado através da Suécia, da Holanda, da Inglaterra e, inclusive dos Estados Unidos.

A venda direta do nosso café à URSS e à China, acabaria com os intermediários, que obtêm lucros fabulosos a custa de nosso produto. Basta o exemplo seguinte: uma saca de café vendida aos EE. UU., por Cr\$ 12.000, digamos, é revendida à U.R.S.S. por Cr\$ 14.000. Os americanos empalmam aí Cr\$ 12.800 às custas do Brasil!

Algodão e Tecidos: O algodão não encontra mercado entre os países capitalistas. A produção e o comércio do produto brasileiro são controlados pelos trustes norte-americanos. Interessados em sabotar o Brasil, já que eles próprios são os maiores produtores do mundo capitalista e não encontram mercado para os excedentes de sua produção. Cogita-se agora nos EE. UU. de trocar algodão por armamentos, como meio de dar vazão ao produto americano.

Cacau: Todos os países socialistas e democráticos querem comprar cacau. O comércio e a produção do cacau, atualmente, dependem dos Estados Unidos. A situação pode melhorar momentaneamente, quando, por exemplo, alguma praça ataca os cacauzeiros de outros mercados — como acontece presentemente com a produção africana, mas os cacauzeiros estão sempre em sobressalto, pois adiantam as dificuldades voltam a aparecer. Sem um amplo mercado são inevitáveis as flutuações na produção e nos preços.

Açúcar: A produção brasileira de 1952 atingiu a um nível sem precedentes de 30.735.000 sacas. Pernambuco voltou a ser o primeiro estado açucareiro do país com uma produção de 9.703.000 sacas. Este açúcar porém não é absorvido no país. A solução imediata é exportar. Mas para quê? Os EE. UU. também são grandes produtores, possuem o açúcar de Cuba e Porto Rico, fazem concorrência ao produto nacional. Restam-nos os novos mercados: a Alemanha, a República Democrática Alemã. Este é o caminho que interessa ao povo brasileiro, que vê nos países do campo anti-imperialistas nações amigas e amantes da paz. O estreitamento dos laços com estas nações só poderá contribuir para sacudir o jugo da dominação americana, reforçar a paz e aliviar a situação de miséria e carestia em que nos debatemos.

Outros Produtos: O comércio com a URSS, a China e as democracias populares é também a solução para outros produtos que não encontram mercado. É a única saída para os chamados produtos «agravosos», isto é, produtos cujos preços de mercado não são compensados. Nesta situação se encontram o sisal e o babaçu, o óleo de mamona e o arroz, o tucum e a essência de pau rosa. Todos os produtos do Norte e do Nordeste, da castanha à carne-de-sol, só terão futuro na medida em que o Brasil conquistar novos mercados.

As Características do Comércio com o Mercado Democrático

O comércio com a URSS e os Estados democráticos populares têm características próprias que o tornam extremamente vantajoso para o Brasil:

- 1 — Estes países, justamente porque pertencem ao campo democrático e anti-imperialista, não fazem objeção à industrialização do Brasil, não estão interessados em impedir ou deformar o nosso desenvolvimento econômico. Nosso comércio com eles não traz nem pode trazer maior dependência do país no exterior. Pelo contrário, contribui para o desenvolvimento da indústria nacional.
- 2 — A questão dos preços e das quantidades se coloca em bases completamente novas, altamente benéficas ao Brasil. Em primeiro lugar, não existe o obstáculo da moeda. O pagamento é feito em cruzeiros. Na Conferência de Moscou, bem como em diversas reuniões da C.T.U., os delegados da URSS têm afirmado que as exportações soviéticas para países como o nosso dependeriam exclusivamente do que fusessemos para exportar e em que quantidade. Assim, para comercializarmos, basta que tenhamos produzido. Tendo um mercado seguro, não haveria mais o problema de excedentes e a produção de muitos produtos hoje em crise poderia se desenvolver imediatamente e de maneira segura.
- 3 — Além de comprar nossas mercadorias, o novo mercado de 800 milhões permitiria ao Brasil importar todos os artigos industriais de que necessita sem precisar de dólares. O carvão e o trigo, o papel e os meios de transportes, que constituem atualmente fontes de escoamento de dólares, poderiam ser importados da URSS e da Rumania, em troca de café ou de cacau, de algodão ou de açúcar. Recentemente, foi denunciado na Câmara, pelo deputado Herbert Levy, o fato dos fazendeiros de café não terem podido importar instrumentos para a produção da lavoura cafeeira, o que resultaria em grandes prejuízos para o nosso café. Pois bem, tal situação seria imediata e se comercializarmos com o campo socialista, país importador da URSS ou das democracias populares artigos que atualmente compramos em dólares aos Estados Unidos, o Brasil poderia utilizar suas disponibilidades em dólares inclusive para comprar nos Estados Unidos o que fosse realmente indispensável à economia nacional.

Comércio Com a URSS, Ato de Soberania

A economia do Brasil está sendo estrangulada pelos trustes dos Estados Unidos. A situação do comércio exterior se aproxima da catástrofe e urge buscar uma solução imediata. Para sair do impasse o país só tem um caminho: buscar novos mercados, reagindo à tutela americana. É urgente estabelecer relações diplomáticas e comerciais com a União Soviética e com a China, com todas as democracias populares e a República Democrática Alemã. Este é o caminho que interessa ao povo brasileiro, que vê nos países do campo anti-imperialistas nações amigas e amantes da paz. O estreitamento dos laços com estas nações só poderá contribuir para sacudir o jugo da dominação americana, reforçar a paz e aliviar a situação de miséria e carestia em que nos debatemos.

Esta é igualmente a saída que interessa aos homens de negócio não subordinados às companhias americanas e que não se beneficiam com a espoliação do nosso povo realizada por esses trustes vorazes. Trata-se de uma solução que convém, assim, a largos setores da população, inclusive da burguesia nacional, e que corresponde, realmente, aos interesses fundamentais de nossa pátria.

Esta solução, porém, implica num ato de soberania nacional. Contra ela se coloca o pequeno grupo de agentes americanos instalados no governo, que sustentam nossa economia à custa da força de um comércio estreito, escravizador e sem futuro, em benefício dos senhores do dólar.

O reconhecimento da URSS e da China e o intercâmbio com todos os países socialistas e democráticos terá de ser conquistado, assim, na base da ação e da luta unida de todas as forças democráticas. Somente a pressão da opinião pública, exercida através de ampla frente única, inclusive de setores da burguesia nacional interessados numa saída para as atuais dificuldades, poderá derrotar o pequeno grupo de sabotadores do país e impôr o estabelecimento de relações normais com a poderosa União Soviética, a China Popular e todos os Estados democráticos, condição indispensável à expansão do comércio brasileiro e passo importante para o entendimento e a Paz.

Maneco Vargas Prometeu as Terras E Quer Agora Despejar os Camponeses

"ELE" DISSE, SEIS DIAS ANTES DE 3 DE OUTUBRO: "NÃO SE MENTE AO POVO. NÃO SE PROMETE AO POVO PARA NÃO CUMPRIR".

A estância «Armour», como ainda hoje é conhecida, localiza-se no município gaúcho de Livramento, próximo à fronteira com o Uruguai. Com uma superfície de 1.740 hectares, era, até algum tempo atrás, utilizada por operários, do frigorífico «Armour» que lá faziam pequenas plantações no período da entressafra. Há seis anos, a estância foi comprada pelo governo do Rio Grande do Sul àquele frigorífico com o objetivo, dizia-se, de ser dividida e entregue aos lavradores sem terra.

Posteriormente, numa atitude demagógica, visando conseguir votos, Maneco Vargas, filho de Getúlio, e o chefe do PTB em Livramento, Camilo Castro Gisler, anunciaram que iriam distribuir entre os lavradores as terras da estância «Armour». Encarregaram o camponês Bernardino Paz Leal de organizar uma relação de todos aqueles que desejassem adquirir um dos 69 lotes de 25 hectares em que seria dividida a estância. Para o pagamento dos lotes dar-se-ia longo prazo.

Mais de 300 pretendentes

Em pouco tempo, o livro de inscrições já não cabia mais nomes. Cerca de 300 camponeses se candidataram à posse de um pedaço de terra. Entretanto, apenas 23 famílias foram autorizadas a se instalar na estância, no lado de

antigos moradores que lá já se encontravam há 10,20 e até mais de 30 anos. Os demais pretendentes, não obstante os repetidos telegramas de Bernardino Leal a Maneco Vargas, foram sendo preteridos e as terras permanecendo devolutas.

Muitos vieram de longe

Algumas dessas 23 famílias que se instalaram na estância procedem de localidades distantes, venderam o que possuíam, desmancharam seus ranchos embalados pela feliz perspectiva de possuir a própria terra a salvo das investidas dos grandes estancieiros gaúchos.

O camponês Onésio Moreira declarou: «Morava no Passo da Florentina. Vim para estas terras com a promessa de receber 25 hectares e pagar a longo prazo. Gastei 2 mil cruzeiros só de arame, fora a despesa para levantar o rancho de barro.» Outro camponês, Alfredo Gonzaga, disse: «Trabalhava de assalariado em várias granjas de Palomas. Consegui este pedaço de terra e trouxe o meu rancho com dificuldade.»

Outros, como a velha camponesa Almemorina Alves Aguirre, há dezenas de anos acham-se nas terras. Esta camponesa viu nascer aí seus 16 filhos, dos quais treze trabalham ainda hoje na estância.

Em vez da terra, o despejo

Há algum tempo, entretanto, começaram a circular rumores de que a posse das terras estava em perigo: novas famílias não seriam admitidas e as existentes seriam despejadas. Os rumores foram ganhando corpo e se confirmaram. Recentemente, o camponês João Pereira Nunes ao gressar à sua propriedade foi surpreendido com a notícia de que uma tropa de 500 cabeças de gado fôra solta em sua lavoura. João Pereira Nunes ficou desesperado, pois havia toda uma quadra de milho por colher. Indagou sobre quem havia aberto a porteira e como resposta lhe foi dito que não tinha qualquer direito à terra, que era um intruso. O gado pertencia a um latifundiário de Alegrete, Rodrigues, e se destinava ao frigorífico «Armour». João Pereira Nunes ficou sem saber para quem apelar e menos ainda, quando no dia seguinte ao da invasão de sua lavoura, recebeu do delegado de polícia uma intimação para abandonar a terra «dentro de sessenta dias».

Por outro lado, um engenheiro procedeu à divisão das terras e intima os camponeses a sair dos lotes, proibindo-os de fazer novas plantações. Alega que a estância «Armour» será destinada aos emigrantes aos nordestinos, como se os camponeses fossem acreditar nessa patranha.

Grandes prejuízos para os camponeses

Nesses anos que passaram na estância «Armour» os camponeses construíram seus ranchos, levantaram alambrados, fizeram plantações, alguns chegaram mesmo a plantar bosques e eucaliptos na esperança de que já tinham a sua própria terra... Agora, de golpe, Maneco Vargas quer despejá-los de tudo, lançá-los «no corredor» e na mais negra miséria.

Repetidas vezes o camponês Bernardino Paz Leal tem se dirigido a Maneco Vargas pedindo providências, mas não recebeu respostas a um só dos

telegramas que enviou. É que a ordem do despejo dos camponeses parte do próprio Maneco, que antes havia prometido dividir as terras...

«Não se mente ao povo»

No mesmo dia Getúlio falou em três cidades: Uruguaiana, Alegrete e Livramento. Faziam seis dias para o 3 de outubro de 1950 e ele era ainda candidato a Presidência da República. Os discursos estavam cheios de promessas, mas num deles, no de Uruguaiana, o velho latifundiário de São Borja usou também de cinismo. Depois de dizer que os camponeses procuravam a cidade porque nos campos não têm «apoio, conforto e assistência», o demagogo prometeu que, se eleito, lhes reconheceria todos os direitos. E acrescentou: «Não se mente ao povo. Não se promete ao povo para não cumprir».

Seu filho Maneco, como os demais membros da família, também não poupava promessas para ver o pai chegar ao Catete. Muitos camponeses se deixaram iludir com as promessas de Getúlio e de Maneco. Estão vendo agora quanto se enganaram!

E lutam

Sim, não se mente ao povo impunemente. Os camponeses que acreditaram nas promessas de receber terra não aceitam a arbitrariedade e odiosa ordem de despejo e lutam.

No dia 12 do mês passado os ocupantes das terras da estância «Armour», tanto os homens como suas mulheres e filhos, juntamente com outros pretendentes e moradores vizinhos que sentem pesar sobre si a mesma ameaça de despejo, reuniram-se em grande assembléia, lançando um manifesto aos camponeses da região. Neste documento figuram as seguintes reivindicações: 1) posse imediata da terra às 23 famílias que já trabalham na estância; 2) medidas contra os que querem expulsar os camponeses já instalados; e 3) entrega imediata do restante da terra aos camponeses do município que nela queiram trabalhar.

O manifesto termina com um apelo às organizações operárias e demais entidades de classe. Líderes políticos e sindicais às autoridades e ao povo de Livramento para que manifestem sua solidariedade aos camponeses, da estância «Armour».

A luta dos camponeses de Livramento está ligada à luta que travam camponeses de todo o Brasil em defesa dos seus direitos. Bernardino Paz Leal, líder dos camponeses da estância «Armour», que assinou o manifesto de convocação da Conferência Nacional dos Trabalhadores Agrícolas, declarou: «A luta que travam os camponeses de todo o Brasil é a mesma. Lutamos por um pedaço de terra. Se marcharmos em união conquistaremos terra para plantar».



DULLES: Isto é o diabo! Não conseguimos destruir este pássaro...

(Desenho de E. Taru)

Em Marcha Para o III Congresso Sindical Mundial

Foi eleita em 30 de Julho último, a Comissão de Apoio de Santos ao III Congresso Sindical Mundial, num grande ato público realizado no Sindicato dos Empregados do Comércio de Santos. É a seguinte a sua constituição: Bernardo de Abreu Madeira, presidente do Sindicato dos Empregados no Comércio, Nelson de Almeida, presidente do Sindicato dos Bancários, Antonio Panfidalgo, presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Carris Urbanos, Joaquim Afonso, delegado do Sindicato dos Ferrovias de Santos-Jundiaí, Augusto Lins, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Gráficos e Manoel Bittencourt Gaia, presidente da União de Servidores Públicos Federais e Autárquicos de Santos.

Em Santo André, importante cidade industrial do Estado de S. Paulo, realizou-se uma grande assembléia na sede do Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil, que aprovou uma moção de apoio ao III Congresso Sindical Mundial, já enviada à sede da Comissão Patrocinadora do conclave, em Viena.

A Comissão de Iniciativas de S. Paulo, ao II Congresso Sindical Mundial decidiu entre outras coisas estabelecer uma cota de 1.000 cruzeiros para cada membro da Comissão central; enviar notícias aos Sindicatos de Santo André, comunicando a próxima visita da Comissão Central àquela cidade, a fim de fazer rápida palestra sobre o Congresso, seu tema e sua importância; iniciar a campanha de finanças por uma Rifa, que será distribuída entre os Sindicatos; confecção de Bonus, que ficarão como uma recordação da viagem da delegação paulista a Viena.

A Comissão das Federações e Sindicatos unidos do Rio Grande do Sul patrocinará

os trabalhos preparatórios da delegação gaúcha ao III Congresso Sindical Mundial.

«A realização do III Congresso Sindical Mundial, a realizar-se em outubro na Capital da Austria, é de magna importância para os mineiros de Morro Velho. Este Congresso reunirá centenas de trabalhadores do mundo inteiro que irão discutir como vivem, trabalham e são explorados pelos patrões. A participação de um delegado dos mineiros neste Congresso é de importância sem precedente, pois ali terá que ser levantada a situação em que se encontram os mineiros que trabalham na mina de ouro mais profunda do globo terrestre. O mundo ficará sabendo quanto produzem de ouro, arsênico, prata, as minas desta Cia. inglesa assim como a quantidade enorme de operários que morrem por ano, vítimas da silicose que corrói os pulmões dos mineiros, os salários de fome que recebem».

DO ARTIGO DE ANELIO MARQUES GUIMARÃES PRESIDENTE DA UNIAO GERAL DOS TRABALHADORES DE MINAS GERAIS

nos 4 cantos do mundo

Vitória diplomática da URSS

Respondendo a um memorando do governo austriaco, a União Soviética manifestou-se, mais uma vez, favorável à rápida conclusão de um tratado de paz com a Austria, na base do respeito aos tratados concluídos e aos direitos do povo austriaco. Mostrou igualmente a URSS ser impossível tomar como ponto de partida o chamado «tratado abreviado», preparado pelos imperialistas ianques, e prontificou-se a resolver a questão por via de negociações diplomáticas.

Solução para o caso austriaco

«Ante a consequente política de paz da União Soviética, que renunciou, inclusive, ao direito de cobrar da Austria as despesas de ocupação, o governo austriaco, não obstante a pressão americana, manifestou sua gratidão à URSS e decidiu abandonar o «projeto abreviado» de tratado de paz, idealizado pelos ianques para sabotar a conclusão de um justo tratado de paz para a Austria».

Na senda da paz

Pressionado pela opinião pública e pelas dificuldades crescentes a que os imperialistas americano-holandeses sujeitam o país, o governo do Indonésia decidiu enviar esforços para trocar embaixadores com a União Soviética, melhorar suas relações diplomáticas e comerciais com a China e os ianques na Conferência de São Francisco. O governo indonésio pronunciou-se em prol do direito da China a ter assento na ONU e está negociando um acordo comercial com a União Soviética.

Acôrdio com a URSS e a Hungria

Assinado o acôrdio comercial entre a Argentina e a URSS, enquanto o governo argentino negocia um tratado comercial com a Hungria estipulando um intercâmbio anual entre os dois países no valor de 30 milhões de dólares.

Depoimento insuspeito

Falando em Nova Delhi, declarou o Primeiro Ministro da Índia, Nehru, disse: «Não há dúvida alguma de que a política seguida pela União Soviética é caracterizada pela procura da paz e da diminuição da tensão internacional. Pode-se dizer o mesmo do governo chinês.»

A Reprodução Ampliada no Capitalismo

"POR QUE EMIGRAM?" "POR FALTA DE TRABALHO"

O leitor Raimundo de Lima e Silva, de Belo Horizonte, pergunta:

Verdeiro libelo contra os governos de Getúlio e Regis Pacheco o inquérito realizado pelo I.B.G.E. entre retirantes da Bahia

1) Que significa reprodução ampliada? Por que o capitalismo monopolista necessita de lucros máximos para realizá-la?

Foi publicada recentemente um estudo efetuado na Bahia pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a propósito da emigração naquele Estado. Consoante os resultados a que chegou o IBGE, somente nos meses de janeiro, fevereiro e março de 1951, isto é, em apenas 90 dias, 48 mil pessoas abandonaram seus lares.

não existe seca ou o fenômeno, no quase não se faz sentir. Pelo contrário, alguns deles, como Boa Nova, Cruz das Almas e outros se caracterizam pela excelência de suas terras para cultivo e pela vegetação luxuriante, com espessas matas. Como se vê, é impossível atribuir principalmente — e menos ainda exclusivamente — à seca a causa do êxodo da população.

2) Há reprodução ampliada no socialismo? Como se realiza a reprodução ampliada socialista e qual a diferença entre ela e a reprodução ampliada capitalista?

No mesmo inquérito, o I.B.G.E. procurou ir às causas do fenômeno, ouvido os próprios emigrantes. Ao contrário do que se poderia esperar — ainda de acordo com a publicação feita por aquele órgão do governo — não foi a seca o fator preponderante que levou essas quase 50 mil pessoas a abandonar seus lares. A pergunta formulada pelos funcionários do IBGE «Por que imigram?», a maioria respondeu simplesmente: «Por falta de trabalho».

Responderemos hoje apenas à primeira pergunta do leitor: — Que significa reprodução ampliada? Por que o capitalismo monopolista necessita de lucros máximos para realizá-la? — A segunda pergunta será respondida na próxima edição.

Por se tratar de uma estatística oficial, onde está implícito o interesse do governo em apresentar de maneira menos chocante a realidade, o resultado acima só pode ser recebido com reservas. Mesmo assim, porém, as conclusões chegadas já servem para dar uma idéia da situação de miséria a que se acha submetida a população da Bahia e constituem um tremendo libelo contra os governos de Getúlio e Regis Pacheco, bem assim contra o atual regime.

Seria impossível, nos limites desta resposta, explicar toda a teoria da reprodução de Marx. Aqui estão apenas algumas noções elementares, que podem ajudar os leitores a empreender um estudo mais profundo da questão.

seções. O resultado é a criação de super-produção, com o fechamento das fábricas, e de sempre, a destruição dos estoques, etc.

A causa fundamental destas perturbações, inevitáveis no processo da reprodução capitalista, é a contradição entre o caráter social da produção e a propriedade individual dos meios de produção.

A reprodução ampliada no capitalismo monopolista

Nas condições do capitalismo pre-monopolista, quanto imperava a livre-concorrência, o lucro médio era suficiente para a reprodução ampliada capitalista, para a acumulação do capital. Agora porém, como afirma o camarada Stálin, «o capitalismo monopolista contemporâneo exige não o lucro médio, mas o lucro máximo, necessário para realizar uma reprodução ampliada mais ou menos regular».

A acumulação do capital, nas condições do capitalismo monopolista, exige com insistência os lucros mais elevados. Isso decorre da própria essência do capitalismo monopolista. Decorre, antes de tudo, do grande aumento da concentração e da centralização da produção e do capital nessa fase do desenvolvimento capitalista e da luta de concorrência que, em consequência disso, se aguçou bruscamente.

Como resultado da livre-concorrência, formaram-se os monopólios, empresas gigantes que procuram apoderar-se de ramos inteiros da produção. No capitalismo monopolista, a concorrência se transforma em luta feroz pelo aniquilamento do concorrente, pelo domínio de determinados monopólios dentro do país, pela dominação do mundo por determinadas potências imperialistas. Para realizar esses objetivos já não basta o lucro médio ou o super-lucro. Qualquer um dos monopólios capitalistas não pode atualmente manter suas posições e muito menos conseguir superioridade sobre o concorrente sem conseguir o mais elevado lucro.

Na época do imperialismo, quando o capitalismo entra em decomposição e agoniza, agravam-se bruscamente as contradições, particularmente no período da crise geral do capitalismo, conduz a violações crescentes de todo o processo da reprodução capitalista. Os ritmos da reprodução ampliada se retardam de maneira brusca nos principais países capitalistas e, no decorrer de períodos cada vez mais prolongados de crises e depressões de tipo particular, não se realiza nem mesmo a reprodu-

ção em proporção sempre crescente, devido à transformação da mais-valia em capital. Na reprodução ampliada, o capitalista consome apenas parte da mais-valia extraída dos operários. Outra parte da mais-valia se transforma em capital, com a compra de novas máquinas, mais matéria-prima e mais força de trabalho. A reprodução ampliada capitalista significa, portanto, a acumulação do capital, e o crescimento do capital.

Para compreender o processo de reprodução, não só no capitalismo como em qualquer outra formação social, é necessário considerar que a produção social se divide em duas seções:

- I — seção — produção de meios de produção
- II — seção — produção de meios de consumo

Há uma correlação entre estes dois setores. Os produtos da I seção — máquinas, matérias primas, combustíveis, etc. — são consumidos não só pelas empresas desta seção como também pelas empresas da II seção. Por outro lado, os produtos da II seção — alimentos, roupas, etc. — são consumidos tanto pelos operários e capitalistas desta seção como pelos operários e capitalistas da I seção.

Na reprodução ampliada, a produção da I seção cresce mais rapidamente que a produção da II seção, porque a ampliação da produção exige que sejam fabricados meios de produção numa proporção crescente para o equipamento das empresas tanto da I como da II seção.

As condições da reprodução, no capitalismo, são constantemente violadas, em consequência das contradições inerentes ao sistema capitalista. Na produção social surgem inevitavelmente desproporções, que refletem o conflito entre a tendência ao aumento da produção e a capacidade aquisitiva limitada das massas.

Vejam o que ocorre nas crises. É inevitável que os capitalistas da II seção, na caça ao lucro, produzam uma quantidade de objetos de consumo acima da capacidade de compra das massas. Não podem, nestas condições, aumentar sua produção, e por isso deixam de comprar meios de produção aos capitalistas da I seção. Consequentemente, surge a superprodução neste setor. Manifesta-se assim a desproporção entre as duas

Um Estado grande, rico e atrasado

A miséria e o atraso em que vive a população da Bahia contrastam de modo chocante com as possibilidades do Estado. Com uma superfície de mais de 560 mil quilômetros quadrados — que lhe dá o sexto lugar no Brasil — a Bahia é mais extensa do que qualquer país europeu, com exceção das Repúblicas Soviéticas. Suas riquezas minerais são imensas e suas terras se prestam a quase todos os tipos de cultura, dada a variedade de climas e solos.

Não obstante, suas riquezas naturais não são aproveitadas. As indústrias existentes no Estado — tanto as extrativas como as de transformação — se caracterizam pelas empresas de tipo individual e familiar e mesmo assim, segundo estudos feitos pelo IBGE em 1940, o número total de operários não chegava a 50 mil em todo o Estado.

A agricultura estagna ou entra em decadência, sendo responsáveis por essa situação o caráter semi-feudal das relações de produção na agricultura, decorrente da propriedade latifundiária, que impera no Estado.

A resposta dada pelos retirantes de Boa Nova (sudeste do Estado) à pergunta do IBGE «Por que emigram», foi simples e clara: «latifúndio na zona das matas».

Dominação americana

Ao lado da seca e do latifúndio, responde também pela miséria em que vive a população da Bahia a crescente dominação da economia do Estado pelos trustes americanos, de que é exemplo típico a produção cacauífera. O cacau é o principal produto econômico do Estado, mas seus preços são fixados pelos monopólios americanos, bem como os mercados de venda. A conquista de novos mercados para o cacau, principalmente a possibilidade de venda do produto à União Soviética e às democracias populares, que oferecem vantagens prometidas, é uma legítima aspiração dos cacauicultores da Bahia. Entretanto, os monopolistas de Nova York impedem o estabelecimento dessas relações comerciais, ficando eles próprios com intermediação na venda do cacau baiano para outros países, inclusive a URSS e as democracias populares. Contra essa situação — que tem levado à ruína numerosos pequenos cacauicultores — estes não cessam de clamar.

As possibilidades de desenvolvimento econômico da Bahia são ilimitadas e um futuro de progresso, bem-estar e felicidade o povo baiano alcançará na luta que vem travando pela paz e a libertação nacional do jugo americano, desembaraçando-se de governos como os de Getúlio e Regis Pacheco dos quais nada poderá esperar além de mais fome, de crescente miséria e de um atraso progressivo.



«Crianças do bairro proletário de Uruguai — em Salvador — removem o lixo à procura de alimentos no local conhecido como «Badame». Como se vê, se no Interior do Estado a situação é de miséria, na Capital não fica muito distante da mesma e triste realidade.»

1 por cento da população

Segundo o recenseamento de 1950 — o mais recente — a

população do Estado da Bahia se elevava a quatro milhões e novecentos mil habitantes. Temos, assim, que em apenas três meses o número de pessoas forçadas pela falta de trabalho, a seca, a fome e a miséria a abandonar seus lares representa nada menos de um por cento de toda a população do Estado. Na sua grande maioria essas pessoas se dirigem para os Estados do Sul do país, notadamente São Paulo e Paraná (Norte), além do Distrito Federal.

Essa espantosa taxa de emigração é que explica a lentidão do crescimento da população na Bahia, já que as famílias baianas são das que possuem proles mais numerosas no Brasil.

De onde procedem os emigrantes? Informa o inquérito do I.B.G.E. que o município de Condeúba, situado a faixa baiana da Serra Geral (zona centro sul do Estado) concorreu com o maior número de emigrantes, cerca de 4 mil. Em seguida aparece Feira de Santana — a apenas 2 ou 3 horas da capital do Estado — com um contingente de 3 mil retirantes. Seguem-se outros municípios, entre os quais Cruz das Almas, Coração de Maria, Entre Rios, Espianada, Itaquara, Jiquiriçá, Laje, Muturipe, Boa Nova, onde em certos distritos a emigração foi completa, ficando totalmente despovoados. Entretanto, nessas regiões

COMO ORGANIZAR A DIFUSÃO? COMO VENDER MAIS EXEMPLARES?

AGENTES DA VOZ EM CORNELIO PROCÓPIO E EM SANTOS FORNECEM DUAS INTERESSANTES EXPERIÊNCIAS

Cada dia que passa novas e ricas experiências são colhidas no trabalho de difusão da VOZ OPERÁRIA. Publicamos hoje duas experiências que nos foram fornecidas por agentes da VOZ em Santos (S. Paulo) e Cornélio Procópio (Paraná).

Como organizar a difusão

Esta é uma questão que está permanentemente na ordem do dia de cada agente da VOZ e da qual depende o próprio aumento da difusão. Alguns agentes, com justa razão, dizem: «Não posso aumentar a cota porque faço sozinho toda a distribuição.» Outros alegam: «Trabalho no centro da cidade e distribuo a cota no bairro. Quando chego do trabalho estou cansado e me sim-

to sem coragem de fazer a distribuição. Ainda: meus irregulares moram distante uns dos outros e isto dificulta muito a entrega.»

Nosso agente em Cornélio Procópio enfrentava também as mesmas dificuldades. Como as resolveu? Eis a sua carta: «Aqui em Cornélio Procópio a distribuição do jornal se processava com grandes irregularidades, havendo encaixes apesar das cotas reduzidas. Sentíamos a necessidade de aumentar a difusão e precisávamos criar as condições para isso. Que fizemos, então? Começamos com uma discussão à base da leitura do jornal, a fim de que todos sentissem a importância de nossa imprensa. Depois, organizamos uma «Comissão de Ajuda» para aliviar o trabalho do agente; conseguimos um estafeta pago com contribuição de amigos e leitores do jornal e ainda com esse auxílio compramos uma bicicleta para distribuir mais rapidamente o jornal. Como resultado disso, hoje distribui-

mos uma regular quantidade da VOZ OPERÁRIA, do «Notícias de Hoje», da «Tribuna do Povo», de «Problemas» e da «Classe Operária». Atualmente organizamos um sistema de venda entre os operários mediante assinaturas mensais por Cr\$ 5,00.»

Finaliza o agente: «Esperamos que esta nossa experiência, redun- de num aumento da difusão da imprensa da Paz e da verdade.»

Resultado da emulação

Na próxima edição, de 15 do corrente, publicaremos os resultados da emulação que terminou no dia primeiro de Agosto. Pedimos que as Sucessais e Agências sa- viam imediatamente os dados que possuem, de tal maneira que estejam na Matriz até o dia 10.

«O «SEGREDO» DO GAZETEIRO DE SANTOS



Outra experiência interessante nos foi fornecida pelos gazeteiros de Santos. Conta um deles que foi vender o jornal nos Morros de Mont Serrat e São Bento. Dentro de pouco tempo ele havia vendido cerca de 40 exemplares, enquanto o seu companheiro tinha vendido apenas 4. Qual o «segredo»? O gazeteiro explica: «Vendi o jornal de porta em porta, discutindo, argumentando com os leitores. Alguns queriam saber o que significa o nome VOZ OPERÁRIA e então eu explicava: VOZ OPERÁRIA quer dizer o jornal do operário, o jornal que mostra ao operário como lutar contra a carestia e a guerra que nos ameaça. Depois, ao mostrar o jornal, falava ao leitor das dificuldades que enfrenta a imprensa do operário e a necessidade de ajudá-la. Foi assim que cheguei a vender minha cota em pouco tempo indo ajudar o meu companheiro a vender também a sua, mostrando como ele devia fazer. Cheguei a receber por exemplar do jornal 3 e 5 cruzeiros e diversos moradores dos morros pediram que toda semana lhes fosse entregar a VOZ.»

Um exemplo de como organizar um programa de luta nos é dado pela experiência dos trabalhadores da «Elevadores Atlas», em São Paulo. Esta empresa tem mais de dois mil operários.

No dia seis de julho deste ano vieram ao Sindicato 12 trabalhadores da seção de montagem para discutir seus problemas. Foi mostrada a todos a necessidade de se organizarem e unirem dentro do Sindicato para a luta por melhorar suas condições de trabalho e de vida. Todos, sem exceção, se manifestaram livremente, deram opiniões e contaram em detalhe o que ocorria com as turmas de montagem que trabalham na instalação dos elevadores nos prédios da cidade. Foi assim que começaram a surgir os pontos de um programa de luta, de acordo com o que sentem, querem e precisam os trabalhadores.

Logo de início eles compreenderam a importância de escolher um homem que seja realmente o porta-voz da seção de montagem na comissão sindical da empresa. A discussão deixou bem claro que essa escolha não é uma coisa que se faz por fazer para que tudo continue como antes.

Salário igual para trabalho igual

Os trabalhadores revelaram seu descontentamento pelo uso

obrigatório das «chapinhas». Eles são contra isso, não querem ser como «burros marcados» no serviço.

Quanto ao salário surgiram duas questões de importância. Primeiro, a luta pelo restabelecimento de um abono «por andar construído», isto é, o prêmio de produção, que existia em 1947 e era pago desde a greve daquele ano. Com o aumento das perseguições ao movimento operário, com o fechamento da CTB e do Partido Comunista, esse abono deixou de ser pago, e dessa forma o salário foi reduzido.

Em segundo lugar, os operários levantaram a reivindicação do salário único para cada categoria de trabalhadores. Na seção de montagem existem três categorias: os ajudantes, os semi-oficiais e os oficiais. Os patrões pagam salários diferentes, há salários diversos para oficiais. Por lei, os trabalhadores têm direito à equiparação ao salário mais alto, pois quem faz o mesmo serviço tem direito ao mesmo salário.

Assistência médica

Esta questão foi muito discutida. Existe na fábrica uma associação beneficente para a qual os trabalhadores contribuem com um por

cento. Isso não está certo embora dê o direito a consultas e a um desconto de 50% nas chapas de raios-X e exame de laboratório.

De um lado o I.A.P.L. tem obrigação de executar esse serviço. E para isso que ele desconta todos os meses 6% dos salários de cada trabalhador. Além do mais, o sindicato reserva quase a metade do dinheiro que recebe para a assistência jurídica, médica, dentária e hospitalar. O que os trabalhadores querem é obrigá-lo a cumprir com suas obrigações, pois não é justo transformar o Sindicato numa Santa Casa e ainda inventar novos descontos nos salários.

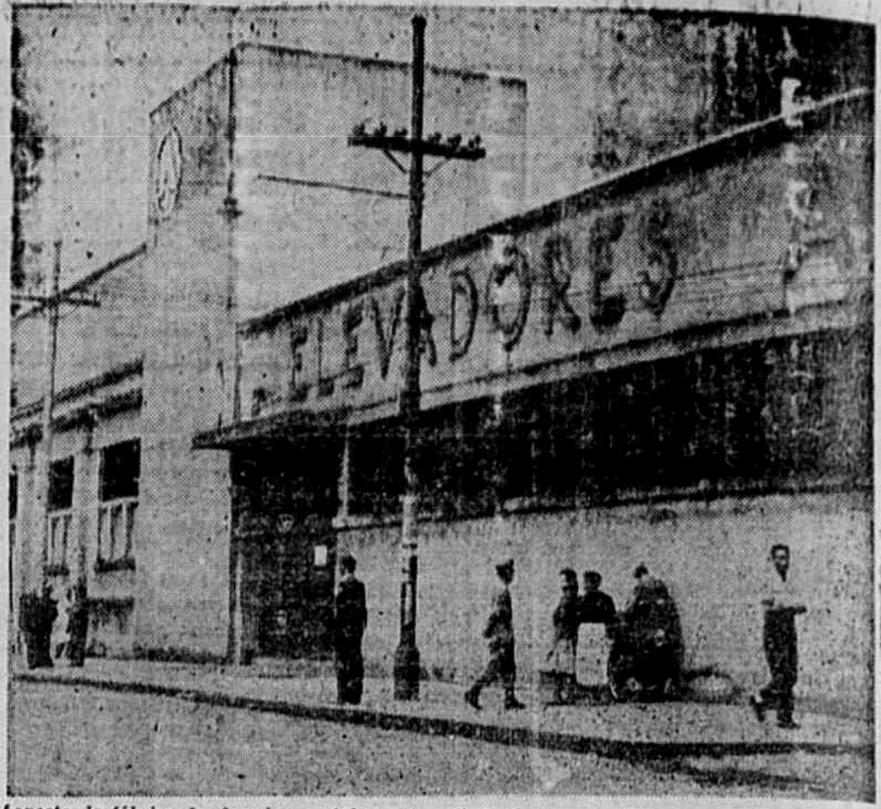
Condições de trabalho

Os operários que montam e instalam elevadores são constantemente atingidos nos olhos por pedaços e ciscos de granitos e pedras quando desbastam os metais. É obrigação da «Atlas» fornecer óculos para evitar tais acidentes. Outra questão é a distribuição dos operários por local de trabalho. Com efeito, não se justificava que um trabalhador que mora em Santo André tenha

que ir trabalhar na Lapa quando poderia ser aproveitado no Braz, onde trabalha mais facilmente pois de sembarca na estação do Norte. Existe ainda a reivindicação do caminhão para levar os gêneros alimentícios adquiridos no armazém da empresa às casas dos trabalhadores. Esse caminhão foi prometido há mais de um ano mas não saiu até hoje.

Assembléias todos os meses

Os operários da seção de montagem ficaram entediados. E resolveram fazer sua assembléia todas as últimas segunda-feiras de cada mês. A iniciativa repercutiu logo. Muitas das reivindicações levantadas são comuns a outras seções. Assim, já foi feito o pedido de se reunirem em conjunto as seções de montagem e conservas. O Sindicato, por sua vez ficou de fazer um plano para ser distribuído entre os operários, facilitando a sua mobilização para a luta pela vitória dum programa de reivindicações elaborado e discutido pelos próprios trabalhadores.



Aspecto da fábrica de elevadores «Atlas», em S. Paulo, tomado durante a grandiosa greve de março-abril do corrente ano.

CORRESPONDÊNCIA DA «ELEVADORES ATLAS», SÃO PAULO

Um Programa de Luta Feito Pelos Próprios Trabalhadores

EUGENIO CHEMP

Ouçá a
Rádio de Moscou
TRANSMISSÕES DIÁRIAS
— PARA A —
AMÉRICA LATINA
EM PORTUGUÊS;
Das 20,30 às 21 horas
EM CASTELHANO:
Das 21 às 23,30 horas
A Emissora Central de Moscou transmite diariamente para a América Latina pelos campos de onda de 25, 31 e 41 metros

Uma Lei de Atual Desenvolvimento Histórico

«PENSEMOS uma e mil vezes que no crescimento planejado e controlado do Partido, na existência do Partido suficientemente organizado, suficientemente arraigado nas empresas e suficientemente ligado às massas nas grandes concentrações operárias e camponesas, é que está em grande medida, o centro do papel dirigente do Partido. Pensemos seriamente no que Stálin mostrou como uma das principais características da situação contemporânea: «O crescimento da influência dos comunistas não pode ser considerado como obra casual, mas sim como um fenômeno inteiramente legítimo.» O crescimento e fortalecimento dos Partidos Comunistas, o aumento continua-

do de sua influência entre as massas é hoje uma lei do desenvolvimento histórico.

Podemos ter um grande Partido, um partido solidamente arraigado nas empresas e nas grandes concentrações operárias e camponesas. Existem todas as condições para fazer crescer o Partido num ritmo incomparavelmente mais rápido.»

(DIÓGENES ARRUDA — «Forjemos nosso Partido à imagem e semelhança do Partido de Lênin e Stálin» — Informe ao Pleno de Abril de 1953 do Comitê Nacional do P.C.B.)

NEGOCIAÇÃO: CAMINHO PARA ASSEGURAR A PAZ

Em sua última reunião, realizada em Budapeste, o Conselho Mundial da Paz resolveu lançar uma campanha mundial em favor da negociação como meio de resolver os problemas internacionais em litígio.

Neste sentido o Conselho Mundial da Paz dirigiu caloroso Apêlo a todos os povos, a todas as organizações, a todas as pessoas simples e a personalidades de tendências ou convicções as mais diversas. «E' preciso — diz o Apêlo — que os povos exijam de seus governos que cheguem a um acôrdo através da negociação.»

Esta campanha, que está empolgando os povos do mundo inteiro acaba de ser lançada em nosso país pelo Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz. Trata-se da mais ampla consulta popular já realizada no Brasil, da qual participarão com o maior entusiasmo milhões e milhões de brasileiros que odeiam a guerra e anseiam pela paz.

QUE VISA ESTA CAMPANHA ?

- 1) Pôr fim às guerras em curso e às ações agressivas contra a soberania dos povos.
- 2) Solucionar, através do entendimento entre os países interessados, problemas pendentes, tais como a reunificação da Alemanha, o tratado de paz com o Japão, a cessação da corrida armamentista, o reconhecimento da China e outras nações como membros da ONU.
- 3) Assegurar o respeito à soberania de todos os povos, cuja violação pode criar focos de guerra.
- 4) Aliviar a atual tensão internacional, acabando com a chamada "guerra fria" e trazendo aos povos segurança e tranquilidade.

TODOS ESTES PROBLEMAS PODEM SER RESOLVIDOS ATRAVÉS DA NEGOCIAÇÃO, BANINDO-SE O RECURSO DA FORÇA. MAS, PARA QUE ELES SEJAM RESOLVIDOS É PRECISO QUE OS POVOS EXIJAM DE SEUS GOVERNOS QUE ELES ABANDONEM O RECURSO DA FORÇA, QUE ENTREM EM ENTENDIMENTOS.

ISTO NOS INTERESSA !

Esta campanha interessa profundamente ao nosso povo

COM A SUA VITÓRIA . . .

- 1) . . . desapareceria o perigo que atualmente existe de sermos arrastados a uma nova carnificina como foi a guerra da Coréia.
- 2) . . . sairia o Brasil da situação ruínosa em que hoje se encontra, passando a manter relações comerciais com todos os países e, assim, vendendo o que produzimos e comprando o que precisamos em condições vantajosas.
- 3) . . . melhorariam as condições de vida do povo e seria sustada a carestia, pois havendo um clima de paz, os recursos do país serão empregados no aumento da produção e em obras civis e de assistência social, em vez de serem aplicados, como hoje, na militarização do país.



O ACÔRDO É POSSÍVEL

Os incendiários de guerra dizem que o entendimento não é possível, que só a força resolve.

Mas, isso não é verdade.

Aí está o exemplo do armistício na Coréia, mostrando que, após três anos da agressão americana, e apesar de toda a resistência dos Estados Unidos foi possível o acôrdo. A pressão dos povos foi mais forte do que a intolerância guerreira dos agressores — e o armistício foi assinado.

Se pôde haver na Coréia, onde estava sendo travada a mais sangrenta carnificina, por que não haver acôrdo também em relação aos demais problemas pendentes?

O armistício na Coréia prova que todos os problemas podem ser resolvidos por meio de negociações.

ÊSTE É O NOSSO VOTO: NEGOCIAÇÃO

De 1.º de setembro até 15 de outubro, realizar-se-á, em todo o país, o PLEBISCITO DA PAZ. Todos os brasileiros maiores de 16 anos terão oportunidade de se pronunciar pela negociação, pela solução pacífica dos problemas internacionais. Os votos de milhões de homens e mulheres, de todas as condições sociais, crenças ou convicções, encaminhados ao govêrno do país, serão uma fôrca poderosa, contribuindo para que Brasil atue a favor das soluções negociadas para os litígios internacionais.

É nosso dever de brasileiros votar no plebiscito da paz.

Palpita no Coração da Fábrica

O III Congresso Sindical Mundial

A luta diária dos trabalhadores pelos seus direitos e reivindicações, é o caminho direto para se trabalhar pela vitória do próximo Congresso de Viena

— "O apoio caloroso dos trabalhadores brasileiros ao III Congresso Sindical Mundial — diz-nos o líder sindical paulista Antônio Chamorro — e o seu desejo de participar ativamente dos preparativos que garantem o êxito da grandiosa iniciativa da F.S.M., manifestam-se com muita força, sempre que esses preparativos sejam ligados às lutas diárias da classe operária. Podemos dizer que, neste momento, a luta diária dos trabalhadores pelos seus direitos é o caminho direto para se trabalhar pela vitória do Congresso, para que os trabalhadores se interessem por ele como um conclave verdadeiramente seu. É o que se pode observar, principalmente entre os metalúrgicos e têxteis de São Paulo."

Vejamos um, dentre muitos exemplos, o dos trabalhadores da "Indústria Têxtil Mogiana" onde existem 500 operários, que, através da discussão coletiva de suas reivindicações chegaram à deliberação de realizar uma reunião na sede do sindicato, em cuja ordem do dia, figura o III Congresso Sindical Mundial.

A luta pelo pagamento dos 32%

Certo dia, quatro operários foram ao Sindicato a fim de reclamar contra a burla que estiveram sofrendo na aplicação do acordo resultante da vitoriosa greve dos 300 mil operários paulistas. E que os patrões só estavam pagando o aumento de 32 por cento até os salários de 1890 cruzeiros mensais. Daí por diante, foi estabelecido um aumento teto de 600 cruzeiros, o que valia dizer: a percentagem do aumento ia decrescendo. Queriam uma orientação segura do Sindicato. Dos seus líderes, para enfrentar esta situação.

Era preciso conversar com mais gente

Debatido o assunto, ficou claro que só quatro homens não resolveriam a questão. Era preciso que, com eles viessem dezenas de trabalhadores para discutir a situação da empresa, no Sindicato. Mas, as dificuldades para isso são grandes. O operário trabalhando desde o amanhecer, encontra-se cansado na hora da saída; mora longe e os transportes são difíceis. Mas, quando é para discutir algo de prático, quando sente que os seus interesses estão em jogo, o trabalhador não vê obstáculos que o impeçam de ir ao Sindicato.

Ficou combinado, que a diretoria do Sindicato iria ajudar a mobilização de um maior número de trabalhadores. Na sexta-feira daquela semana, às 17 horas, no fim da jornada, um líder ou diretor do sindicato iria aos portões da fábrica.

Em ação a imprensa operária

Antes disso, porém, os operários fizeram publicar na sua imprensa, no jornal dos trabalhadores «Notícias de Hoje», uma reportagem da vida nababesca do tubarão José Kall, dono da empresa. Resaltavam os seus lucros, à custa da exploração dos trabalhadores, todas as suas riquezas. Possui um riquíssimo palacete em Guarujá, carros de luxo. Com o que arranca dos trabalhadores já construiu a fábrica Mogitex, em Mogi. Agora está levantando outra grande fábrica em Mococa, o que demonstra que ele pode pagar o aumento.

A reportagem obteve enorme repercussão e abalou o industrial. Kall ficou furioso e ameaçou Deus e todo mundo dizendo que ele e Matarazzo tudo iriam fazer para fechar o jornal que os denunciava. Os trabalhadores viram que esses tubarões são os mesmos que financiam os jornais «Última Hora», «O Estado de S. Paulo», as «Folhas», os «Diários Associados» de Chateaubriand, para enganar e caluniar os operários, combater suas reivindicações.

A reportagem foi colada num pedaço de cartolina. Com ela os trabalhadores fizeram-na passar de máquina em máquina (passa-passa). Tanto se falou na reportagem que, logo na saída do serviço, os operários correram às bancas para comprar mais jornais. Ao lerem a reportagem, os operários tomaram conhecimento da ida do líder sindical ao portão, na sexta-feira daquela semana, tendo lido também o noticiário do Congresso Sindical Mundial, cujo temário é dedicado às reivindicações dos trabalhadores.

O comício foi o início da reunião

O comício-relâmpago no portão foi um sucesso. Cerca de duas centenas de trabalha-

dores vibravam ao ouvirem a exposição do seu líder que mostrava que eles estavam sendo ludibriados pelos patrões e que só discutindo em reunião no Sindicato poderiam solucionar a questão. Todos concordaram. Os próprios trabalhadores marcaram a data da reunião. «Agora vamos ao Sindicato», disseram vários deles.

Várias dezenas de operários compareceram à reunião marcada durante o comício. Ali também estavam presentes o presidente do Sindicato, Sr. Nelson Rustici, vice-presidente da Comissão Nacional Patrocinadora da Delegação Brasileira ao III Congresso Sindical Mundial; Antônio Chamorro, líder dos têxteis e signatário do Manifesto de apoio ao III Congresso Sindical Mundial, além de outros líderes e diretores.

Falam todos os trabalhadores

A reunião tratou de dois assuntos. Primeiro, como fazer o patrão pagar os 32 por cento. O outro, o combate à carestia e ao racionamento de energia elétrica, a fim de que os 32 por cento não fiquem reduzidos a nada.

Eis em resumo, como as coisas se passaram:

Todos falaram livremente, sobre as condições de trabalho, as perseguições e a exploração em que viviam.

— «O patrão disse que não é obrigado a pagar nem os 600 cruzeiros. Dá porque quer. Desejo saber se temos ou não direito aos 32 por cento» — declarou uma tecelã de preto.

— «Kall utiliza alguns mestres e contramestres mais chegados à Administração para espalhar o boato de que vai ser retirado o aumento de 600 cruzeiros que recebem os maquinistas para dar aos ajudantes e assim jogar uns trabalhadores contra os outros

— fez um operário da Tinturaria

— «E, se isso acontecer, o que devemos fazer? — conclui.

— «O patrão disse que a reportagem sobre ele é toda mentira porque o jornal é comunista. Entretanto, todos nós sabemos que o nosso jornal falou a pura verdade» — falou um terceiro.

Greves curtas era hora incerta

Quando ao primeiro assunto — pagar os 32 por cento — foi feito o seguinte cálculo: Numa pequena paralisação de 15 minutos, cada operário deixa de produzir 80 centímetros de tecido de lã. Cem trabalhadores parados correspondem a 80 metros que vendidos a 200 cruzeiros, são 16 mil cruzeiros perdidos pelo patrão. Mas, o que cada operário deixou de ganhar foi apenas 2 cruzeiros, isto é, o que ganharia naqueles 15 minutos. Ficou visto que em paradas sucessivas, em horas incertas, durante 10 dias, o patrão perderá 160 mil cruzeiros e o operário apenas 20 cruzeiros.

Ficou claro o que fazer. Essa forma de luta já produziu vitórias em cerca de vinte e tantas empresas em condições semelhantes, e tem uma grande vantagem: organiza os trabalhadores e descontrola a polícia que quando chega, a chamado do patrão, nada pode fazer porque os trabalhadores já retornaram o serviço.

Luta contra o racionamento

Quando se passou a tratar da carestia e do racionamento, que põe em perigo o aumento conquistado, todos os trabalhadores também falaram. Em muitas indústrias os trabalhadores já perdem 3



horas de trabalho por dia, pois, em sua grande maioria são tarefeiros. A Light, em seu último relatório, fala em colapso da indústria. Nesse relatório, a empresa estrangeira, mancomunada com os homens do governo da Getúlio, fala claramente no fechamento das fábricas têxteis, metalúrgicas e indústrias químicas, lançando milhares de operários à miséria e ao desemprego.

O temário Instrumento de trabalho

Nesta altura, conta Chamorro, mostrei que todas essas reivindicações estavam contidas no temário do III Congresso Sindical Mundial, citando-lhes de cor alguns dos principais pontos, recordando o que disse o manifesto de apoio dos líderes sindicais brasileiros.

E puxando o nosso um volante com o Manifesto de apoio, comenta como quem analisa sua própria atuação:

— Teria sido muito melhor ainda se eu tivesse lido os documentos. Mais ainda: se tivéssemos à mão o apelo da F.S.M. e o Manifesto para distribuir aos trabalhadores. Qualquer um pode ver como as reivindicações e objetivos traçados pelos próprios trabalhadores como que foram adivinhados nestas palavras: «aumento de salários, carestia da vida, desemprego e semi-desemprego (racionamen-

to de energia elétrica, falta de matérias-primas e restrições ao comércio), seguro e previdência social, liberdades democráticas e sindicais, unidade sindical, direitos dos trabalhadores do campo, etc.» questões estas que dizem respeito às massas trabalhadoras de nosso país, que por elas vêm lutando há longos anos.

Ao dirigirmos este convite a todos os nossos companheiros de trabalho e de lutas sindicais e democráticas, faremos um caloroso e fraternal apelo a que nos lancemos a uma intensa atividade para organizarmos a delegação brasileira, preparação de teses, propostas e sugestões, divulgando todo o material referente ao III Congresso Sindical Mundial.

Nessa atividade coletiva nas fábricas, nos Sindicatos nas Associações, iremos, igualmente, ampliando e aprofundando o exame, o debate e a luta por nossas reivindicações e direitos, apertando os laços de fraternidade e amizade proletária reforçando os nossos Sindicatos e as nossas Associações Profissionais.

Discutirão o III Congresso

A reunião terminou com resultados práticos: ir ao patrão exigir os 32 por cento, dar-lhe um prazo, findo o qual se não forem atendidos, entrar em greve. Marcaram também uma nova reunião a ser realizada no sindicato, cuja ordem do dia será constituída de três pontos: exigência dos 32 por cento, luta contra o racionamento e preparativos para o III Congresso Sindical Mundial, agora que os trabalhadores sentiram qual a importância para eles do grandioso conclave de outubro, que se realizará em Viena.

Por um sólido apoio ao Congresso

Fatos desse tipo, repetem-se em numerosas empresas pelo Brasil afora. Todo operário consciente, de posse do Manifesto já assinado pelos 400 líderes sindicais brasileiros e do Apelo da FSM, pode mostrar aos seus companheiros que as suas reivindicações se ligam com os pontos do temário do Congresso. Assim, com a participação de todos os trabalhadores fábricas por fábrica, é possível organizar um sólido apoio, o mais caloroso e ativo, ao III Congresso Sindical Mundial.

